



Mestrado e  
Doutorado

em Estudos da Linguagem



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
MESTRADO E DOUTORADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

CAIRO JOSEPH DOS SANTOS FERREIRA

**A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO DIALÓGICO NA TRILOGIA  
*DIVERGENTE* DE VERONICA ROTH**

CATALÃO-GO  
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

## **TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES**

### **E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### **1. Identificação do material bibliográfico**

Dissertação       Tese

#### **2. Nome completo do autor**

Cairo Joseph dos Santos Ferreira

#### **3. Título do trabalho**

A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO DIALÓGICO NA TRILOGIA DIVERGENTE DE VERONICA ROTH

#### **4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**

Concorda com a liberação total do documento  SIM       NÃO<sup>1</sup>

**[1]** Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

**a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

**b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Grenissa Bonvino Stafuzza, Professor do Magistério Superior**, em 29/09/2020, às 08:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **CAIRO JOSEPH DOS SANTOS FERREIRA, Discente**, em 30/09/2020, às 20:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1581586** e o código CRC **EBBA8C55**.

---

**Referência:** Processo nº 23070.034665/2020-41

SEI nº 1581586

CAIRO JOSEPH DOS SANTOS FERREIRA

**A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO DIALÓGICO NA TRILOGIA  
*DIVERGENTE* DE VERONICA ROTH**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Linha de Pesquisa: Sujeito, Discurso e Sociedade.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Grenissa Bonvino Stafuzza.

CATALÃO-GO  
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Ferreira, Cairo Joseph dos Santos

A constituição identitária do sujeito dialógico na trilogia Divergente de Veronica Roth [manuscrito] / Cairo Joseph dos Santos Ferreira. - 2020.

73 f.

Orientador: Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2020.

Bibliografia.

1. Trilogia Divergente. 2. Enunciado. 3. Signo ideológico. 4. Sujeito.  
I. Stafuzza, Grenissa Bonvino , orient. II. Título.

CDU 82



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

### **ATA UAELL-RC 012/2020**

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM DA UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO.

Defesa: nº 130/2020

Às nove horas do dia trinta e um de agosto de dois mil e vinte, reuniu-se a Banca Examinadora - à distância, Via Videoconferência - designada pela Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, composta pelas docentes: Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza - [Orientadora], da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Profa. Dra. Evelyn Cristine Vieira - IF Goiano - Campus Avançado de Catalão; Profa. Dra. Ekaterina Volkova Américo, da Universidade Federal Fluminense; para proceder à Defesa Pública de Dissertação intitulada “A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO DIALÓGICO NA TRILOGIA DIVERGENTE DE VERONICA ROTH”, de autoria do mestrando **Cairo Joseph dos Santos Ferreira**, matrícula 2018100727. Iniciando os trabalhos, a Presidente da sessão apresentou a Banca e o candidato ao título de Mestre. Em seguida, agradeceu a presença do público e passou a palavra ao mestrando para a apresentação do trabalho. A seguir, a Presidente concedeu a palavra aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. A duração da apresentação discente e a arguição dos examinadores aconteceram conforme regulamento do Programa. Ao término da arguição, a Banca Examinadora se reuniu em sessão secreta para atribuir os conceitos finais da Dissertação. Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou o candidato: APROVADO, estando APTO a fazer jus ao Título de Mestre em Estudos da Linguagem. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos trinta e um dias do mês de agosto de dois mil e vinte. Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. O diploma correspondente será emitido após cumprimento dos demais trâmites, conforme normas do Programa e legislação da Universidade Federal de Goiás, especialmente o Artigo 62 da Resolução CEPEC 1403/2016.

Observações:

Banca Examinadora de Qualificação/Defesa Pública de Dissertação/Tese realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo:

Art. 2o A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-

graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação.



Documento assinado eletronicamente por **Grenissa Bonvino Stafuzza, Professor do Magistério Superior**, em 13/10/2020, às 10:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Evelyn Cristine Vieira, Usuário Externo**, em 13/10/2020, às 11:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ekaterina Volkova Américo, Usuário Externo**, em 13/10/2020, às 11:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1480753** e o código CRC **5FFF14B5**.

**Referência:** Processo nº 23070.034665/2020-41

SEI nº 1480753

Ao grande EU SOU, autor e consumidor da  
minha fé.



## AGRADECIMENTOS

A Deus, por TUDO. Ele que não se define como a voz da minha consciência, como a pureza da autonegação arrependida de tudo o que está dado em mim, como aquele em cujas mãos é pavoroso cair e de quem ver a face significa morrer. Porém, como o Pai Celestial que está acima de mim, que pode me absolver e perdoar onde eu, por princípio, não posso me absolver e perdoar de dentro de mim mesmo e permanecer puro comigo mesmo. Deus é para mim o que devo ser para o outro.

Aos meus pais, Cairo e Reinalda, valentes guerreiros que, diariamente, me inspiram e me transmitem amor, fé e esperança para lutar e conquistar os meus objetivos.

Ao meu amigo, irmão de sangue e de fé, André Ricardo, e à minha cunhada Érika pelo companheirismo.

Aos meus colegas de trabalho, em especial, à minha chefe, Fabiana Paranhos Netto, pelo apoio e compreensão.

Ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão por oportunizar, contribuir e compartilhar com a sociedade uma educação pública, gratuita e de qualidade.

À minha orientadora e professora de graduação/pós-graduação, Dr.<sup>a</sup> Grenissa Bonvino Stafuzza, *my Captain*, pelo humanismo, pela humildade intelectual e pelas orientações que me constituíram e constituem como sujeito-pesquisador ao longo da jornada acadêmica.

Ao GEDIS – Grupo de Estudos Discursivos, pelas contribuições teóricas suscitadas nos encontros. Em particular, aos meus amigos gedianos, na vida e na arte, Gabriella Cristina Vaz Camargo e Bruno Oliveira, pelas conversas, eventos, estágio e viagem.

Aos membros da banca de Arguição do Projeto, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ekaterina Vólkova Américo e Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> Gabriella Cristina Vaz Camargo, bem como aos membros da banca de Exame de Qualificação, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ekaterina Vólkova Américo e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Evelyn Cristine Vieira, pelas valiosas contribuições que foram fundamentais para o produto final deste estudo.

MAS AQUELA NÃO foi a primeira vez que a vi. Eu a vi nos corredores da escola, no falso funeral da minha mãe e caminhando pelas calçadas do setor da Abnegação. Eu a vi, mas não a enxergara; ninguém a enxergava como ela era de fato, até que ela pulou.

Imagino que uma chama que queime com tanta intensidade não seja feita para durar (TOBIAS. In: ROTH, 2014, p. 485).

## RESUMO

O presente estudo tem por objetivo refletir sobre a construção identitária do sujeito dialógico Beatrice Prior, conhecida como Tris, na série *Divergente*, de Veronica Roth. Assim, coadunando com a temática e a finalidade propostas, o *corpus* é constituído de enunciados elegidos dos romances: *Divergente – uma escolha pode te transformar* (2012); *Insurgente – uma escolha pode te destruir* (2013); e, *Convergente – uma escolha vai te definir* (2014). A pesquisa motiva-se em três âmbitos: o acadêmico, pelo fato de examinar a dialogicidade do enunciado no funcionamento da linguagem romanesca; o filosófico, por entender que a esfera da filosofia da linguagem, em particular, garante uma melhor e maior compreensão quanto à função constitutiva da palavra, da linguagem e da fala nas múltiplas formas de discurso, aqui, o romanesco; e, o social, direcionado à Educação Básica brasileira, por favorecer o engajamento de crianças e adolescentes no universo da leitura de obras literárias, assim como na construção de leitores reflexivos, críticos e autônomos acerca da própria formação enquanto sujeito social. O estudo, ainda, fundamenta-se teoricamente nas concepções teóricas de Bakhtin e do Círculo, especialmente, nas obras: *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (2017), de Volóchinov; *Teoria do romance I: a estilística* (2015), de Bakhtin; *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas* (2017a), de Bakhtin; *Os gêneros do discurso* (2016), de Bakhtin; *Estrutura do enunciado* (s/a), de Voloshinov; *O freudismo: um esboço crítico* (2017b), de Bakhtin; *Para uma filosofia do ato responsável* (2017c), de Bakhtin; entre outras. A pesquisa apresenta-se metodologicamente no tripé da descrição-análise-interpretação de enunciados, por meio do cotejamento, e possui uma abordagem dialético-dialógica, pois a partir de uma ótica socioideológica, relaciona o enunciado com a vivência sociocultural, tendo como alicerce a arquitetura de um projeto de dizer de sujeitos, ambientados em cronotopos peculiares, constituído, principalmente, por relações dialógicas. Nesse sentido, este estudo hipotetiza que a identidade de Beatrice (Tris) é formada socialmente pela interação discursiva com os demais personagens, uma vez que se trata de um sujeito dialógico construído na e pela linguagem dos romances.

**Palavras-chave:** Trilogia *Divergente*. Enunciado. Signo ideológico. Sujeito.

## ABSTRACT

The present study aims to reflect on the identity construction of the dialogical subject Beatrice Prior, known as Tris, in the series *Divergente*, by Veronica Roth. Thus, in keeping with the proposed theme and purpose, the corpus consists of utterances chosen from the novels: *Divergent – one choice can transform you* (2012); *Insurgent – one choice can destroy you* (2013); and, *Allegiant - one choice will define you* (2014). The research is motivated in three areas: the academic, due to the fact that it examines the dialogicity of the utterance in the functioning of the novelistic language; the philosophical, for understanding that the sphere of the philosophy of language, in particular, guarantees a better and greater understanding as to the constitutive function of the word, of the language and of the speech in the multiple forms of discourse, here, the novel; and, the social, directed to Brazilian Basic Education, for favoring the engagement of children and adolescents in the universe of reading literary works, as well as in the construction of critical, reflective and autonomous readers about their own formation as a social subject. The study is also theoretically based on the theoretical conceptions of Bakhtin and the Circle, especially in the works: *Marxism and philosophy of language: fundamental problems of the sociological method in the science of language* (2017), by Volóchinov; *Theory of the novel I: the stylistic* (2015), by Bakhtin; *Notes on literature, culture and humanities* (2017a), by Bakhtin; *The genres of discourse* (2016), by Bakhtin; *Utterance structure (s/a)*, by Voloshinov; *Freudism: a critical sketch* (2017b), by Bakhtin; *Towards a philosophy of responsible action* (2017c), by Bakhtin; among others. The research presents methodologically on the tripod of description-analysis-interpretation of utterances, through collation, and has a dialectical-dialogical approach, because from a socioideological perspective, it relates the utterance with the socio-cultural experience, the architectural foundation of a project to say subjects, set in peculiar chronotopes, mainly constituted by dialogical relations. In this sense, this study hypothesizes that the identity of Beatrice (Tris) is socially formed by the discursive interaction with the other characters, because it is a dialogic subject constructed in and by the language of the novels.

**Keywords:** *Divergent* Trilogy. Utterance. Ideological sign. Subject.

## SUMÁRIO

PALAVRAS INICIAIS .....	14
<b>O porquê da pesquisa</b> .....	14
<b>Esboço do percurso teórico-metodológico da pesquisa</b> .....	15
CAPÍTULO 1 .....	22
ROMANCE: O GÊNERO DO SER EXPRESSIVO E FALANTE .....	22
<b>1.1 O estilo autêntico do romance</b> .....	22
<b>1.2 A relação intrínseca entre a literatura, a cultura e o <i>grande tempo</i></b> .....	24
<b>1.3 O gênero discursivo romanescos</b> .....	26
<b>1.4 A dialogicidade do enunciado</b> .....	29
CAPÍTULO 2 .....	34
REFLEXO E REFRAÇÃO DOS SIGNOS IDEOLÓGICOS: <i>DIVERGENTE, INSURGENTE E CONVERGENTE</i> .....	34
<b>2.1 O signo ideológico <i>divergente</i> em <i>Divergente – uma escolha pode te transformar</i></b> .....	34
2.1.1 Tomando ciência do ser <i>divergente</i> .....	34
2.1.2 Agindo como um <i>divergente</i> .....	37
2.1.3 Buscando o real significado do ser <i>divergente</i> .....	41
2.1.4 Convictamente <i>divergente</i> .....	44
<b>2.2 O signo ideológico <i>insurgente</i> em <i>Insurgente – uma escolha pode te destruir</i></b> .....	46
2.2.1 Eu? <i>Insurgente?</i> .....	47
<b>2.3 O signo ideológico <i>convergente</i> em <i>Convergente – uma escolha vai te definir</i></b> .....	52
2.3.1 Um propósito <i>convergente</i> .....	52
2.3.2 Agindo como um <i>convergente</i> .....	53
CAPÍTULO 3 .....	58
A ALTERIDADE COMO CONSTITUINTE DO SUJEITO DIÁLOGICO NA TRILOGIA <i>DIVERGENTE</i> .....	58
<b>3.1 O nascimento de um sujeito</b> .....	58
<b>3.2 Contemplando-se no espelho</b> .....	59
<b>3.3 Conscientizando-se a respeito do ser <i>divergente</i></b> .....	63
PALAVRAS FINAIS .....	66
REFERÊNCIAS TEÓRICAS .....	70
REFERÊNCIAS DO <i>CORPUS</i> .....	73

## PALAVRAS INICIAIS

### **O porquê da pesquisa**

A presente pesquisa desenvolve-se a partir dos estudos dialógicos da linguagem de Bakhtin e do Círculo para a leitura analítica das obras literárias da trilogia *Divergente*. Ela teve sua origem nas discussões e reflexões realizadas no ano de 2016, para a escrita e defesa do artigo que correspondeu ao Trabalho de Conclusão de Curso, na graduação do curso Letras Português da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. Além disso, ela pertence a um projeto maior, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Grenissa Bonvino Stafuzza, com vistas a estudar a potencialidade teórica das concepções oriundas da filosofia da linguagem de Bakhtin e do Círculo para análise de discursos verbocovisuais, sendo, neste caso, voltado para o estudo do enunciado.

A justificativa deste trabalho se dá em três perspectivas, a saber: a acadêmica, a filosófica e a social. Pelo viés acadêmico, a pesquisa se efetiva na medida em que propõe a explorar o enunciado e sua constituição dialógica no funcionamento da linguagem a partir do gênero discursivo romance. Assim, ao focar na constituição identitária do sujeito na trilogia *Divergente*, entende-se que ele, tecido e tecelão da linguagem, é construído socialmente pelos diálogos, embates e ideologias que perpassam os enunciados.

No âmbito filosófico, especialmente, no que tange à filosofia da linguagem, o motivo se evidencia pelo fato de que esta área de investigação não se restringe, única e exclusivamente, à análise da inter-relação entre a linguagem e o pensamento. Entretanto, ela preocupa-se com “o papel constitutivo da linguagem, da palavra e da fala às diferentes formas de discurso, à cognição e às estruturas da consciência e do conhecimento” (STIÉPIN E SEMÍGUIN, 2010, p. 238, *apud* GRILLO, 2017, p. 12, tradução e grifos da autora). Daí, observa-se a importância desta área de conhecimento para e neste estudo, pois as discussões filosóficas proporcionam um entendimento mais amplo e consistente dos fundamentos da natureza e das finalidades de análise da linguagem.

E, atentando-se para o atual contexto da Educação Básica brasileira, o estudo justifica-se socialmente por colaborar na inserção de crianças e jovens no mundo da leitura de obras literárias canonizadas e não canonizadas, bem como na formação de leitores autônomos, reflexivos e críticos quanto aos assuntos identitários, ideológicos, éticos, políticos, culturais, econômicos, dentre outros. Além de apresentar para eles outras percepções de leitura das obras literárias, como: a construção do sujeito a partir das vozes sociais que dialogam em um

determinado espaço-tempo-sentido organizado pelo gênero do discurso, em particular, o romance.

### **Esboço do percurso teórico-metodológico da pesquisa**

Os estudos formais da linguagem, oriundos da ciência linguística da virada do século XX, consideravam os gêneros literários como estruturas poéticas fechadas, tendo em vista que não existia uma estilística própria para o romance, que favorecia suas peculiaridades (ausência de estilo próprio, irregularidade formal, emprego de recursos não literários e prosaísmo vulgar) e que reconhecia a originalidade do discurso romanesco. Conforme frisa Bakhtin (2015, p. 24)<sup>1</sup>, “[...] concebia-se o discurso da prosa literária como um discurso poético em sentido estrito e a ele se aplicavam, de maneira acrítica, as categorias da estilística tradicional [...]”. Desse modo, todo e qualquer discurso considerado literário era sinônimo de poético e, basear-se num discurso poético não representa equívocos, ao contrário, é um tipo de estilística relevante, que trabalha com questões gerais e universais. Todavia, acatar um tipo romanesco apenas pelo viés poético é descaracterizá-lo com as suas especificações.

Diante disso, ao arquitetar uma teoria literária permeada pela concepção da linguagem, Bakhtin (2015) trouxe o romance para sua dimensão histórica, tratando-o não como um discurso poético fechado, porém, como um sistema complexo de representação de linguagens sociais vivas. Ressalta-se que a prosa romanesca utiliza um expediente relevante para o discurso, a saber: a linguagem e as palavras, sempre orientadas na literatura pela estética.

Portanto, ao redigir sobre algum assunto, o romancista inevitavelmente traz o discurso de outros para o interior de sua criação estética, sendo que a linguagem não serve somente para decodificar códigos e transmitir mensagens. Contudo, ela vai mais além, permeada por um imenso campo histórico-cultural universal, através da comunicação discursiva, promove a interação humana estabelecendo as relações sociais. Daí, pode-se notar a relação dinâmica e intrínseca da linguagem com o meio social, no qual as personagens da prosa romanesca estão inseridas. Nesse diapasão, concorda-se quando Voloshinov<sup>2</sup> (s/a) apresenta que:

---

<sup>1</sup> De princípio, frisa-se que a data original de publicação das obras teóricas utilizadas para o desenvolvimento desta pesquisa, principalmente, as de autoria russa, consta nas Referências Teóricas.

<sup>2</sup> De antemão, para evitar quaisquer dúvidas e equívocos, destaca-se que as denominações Voloshinov (s/a) e Volóchinov (2017) correspondem ao mesmo autor russo. “As diferentes grafias do nome do teórico russo obedecem às edições publicadas no Brasil. Essa diversidade de grafia relaciona-se diretamente com as diversas versões utilizadas (inglês, francês, italiano, espanhol, russo) para as traduções no Brasil” (STAFUZZA, 2019, p. 68). Logo, em respeito aos direitos autorais de cada tradutor(a), optou-se por acatar a grafia proposta em cada obra teórica que fundamenta este estudo.

[...] a linguagem não é alguma coisa de imóvel, fornecida de uma vez por todas, e rigorosamente determinada em suas “regras” e em suas “exceções” gramaticais. Ela é um produto da vida social, a qual não é fixa e nem petrificada: a linguagem encontra-se em um perpétuo devir e seu desenvolvimento segue a evolução da vida social. A progressão da linguagem se concretiza na relação social de comunicação que cada homem mantém com seus semelhantes – relação que não existe apenas no nível de produção, mas também no nível do discurso. É na comunicação verbal, como um dos elementos do vasto conjunto formado pelas relações de comunicação social, que se elaboram os diferentes tipos de enunciados, correspondendo, cada um deles, a um diferente tipo de comunicação social (VOLOSHINOV, s/a, p. 1).

Verifica-se que toda comunicação, estabelecida nas relações sociais, produz um tipo de enunciado que age em uma cadeia constitutiva da interação discursiva. Como assinala Voloshinov (s/a, p. 3), o enunciado “[...] considerado como unidade de comunicação e totalidade semântica, se constitui e se completa exatamente numa interação verbal determinada e engendrada por uma certa relação de comunicação social”. E, ele acrescenta que: “[...] cada um dos tipos de comunicação social [...] organiza, constrói e completa, de modo específico, a forma gramatical e estilística do enunciado, assim como a estrutura de onde ela se destaca. Nós daremos o nome de gênero a esta estrutura” (VOLOSHINOV, s/a, p. 3).

Nesta pesquisa, os enunciados selecionados para o *corpus* de descrição, análise e interpretação estão estruturados no gênero romanesco. Eles foram selecionados e recortados dos romances que compõem a trilogia *Divergente*, da escritora estadunidense Veronica Roth, traduzidos para o português por Lucas Peterson, conhecidos nacionalmente como: *Divergente – uma escolha pode te transformar* (2012); *Insurgente – uma escolha pode te destruir* (2013); e, *Convergente – uma escolha vai te definir* (2014), respectivamente, publicados originalmente nos Estados Unidos, como: *Divergent – one choice can transform you* (2011); *Insurgent – one choice can destroy you* (2012); e, *Allegiant – one choice will define you* (2013).

Na obra literária *Divergente – uma escolha pode te transformar* (2012), a história narrada pela protagonista, Beatrice Prior, se desenrola na futurista cidade de Chicago. A sociedade está organizada em cinco facções, a saber: a Erudição, a Franqueza, a Audácia, a Amizade e a Abnegação, sendo que não pertencer a nenhuma delas é como ser invisível. Aos dezesseis anos, numa cerimônia de iniciação, os jovens são submetidos a um teste de aptidão e devem escolher a que grupo querem se unir para passar o resto de suas vidas. Para Beatrice, a difícil decisão é ficar com sua família ou ser quem ela realmente é. Então, ela faz uma escolha surpreendente a todos, inclusive a si mesma. No processo de iniciação competitiva, Beatrice muda o nome para Tris e esforça para decidir quem são realmente os amigos. Porém, Tris também tem um segredo que poderia significar a própria morte. Ao tomar ciência de um conflito



crescente que ameaça destruir a sociedade aparentemente perfeita, ela também aprende que o segredo pode ajudá-la a salvar aqueles que ama ou destruí-la.

Em *Insurgente – uma escolha pode te destruir* (2013), narrado por Tris (apelido adotado por Beatrice Prior), a crescente tensão entre as facções e respectivas ideologias ocasiona a iminência de uma guerra. E, em tempos de guerra, atitudes partidárias precisarão ser tomadas, confidências emergirão e decisões se tornarão imprescindíveis. Transformada pelas próprias escolhas relacionadas à identidade, à política, à lealdade e até mesmo ao amor, assolada pelo sentimento de culpa e de mágoa, bem como diante de relacionamentos em modificação e drásticas descobertas, Tris precisa aceitar por completo a divergência, ainda que não compreenda o que pode perder ao fazer isso.

No último livro da trilogia, *Convergente – uma escolha vai te definir* (2014), a trama é narrada sob uma perspectiva dupla: Tris e Tobias (vulgo Quatro). A nova realidade de Tris, além dos limites da futurista cidade de Chicago, torna-se alarmante, pois as antigas descobertas perdem o sentido em detrimento de novas verdades. Portanto, mais uma vez, Tris é obrigada a entender a complexidade da natureza humana e a si própria à medida que convergem sobre ela escolhas que exigem coragem, altruísmo, inteligência, bondade e honestidade.

Corroborando o *corpus*, esta pesquisa tem por finalidade refletir sobre a formação identitária do sujeito dialógico Beatrice Prior (autodenominada Tris) na série *Divergente*, partindo da seguinte problematização: como ocorre a constituição da identidade de Beatrice (Tris) dentro da sociedade da futurista cidade de Chicago na qual ela está inserida? Por conseguinte, hipotetiza que a identidade dela é formada socialmente, diante da interação discursiva com os outros personagens, pois trata-se de um sujeito dialógico construído na e pela linguagem dos romances em questão. Destaca-se que o sujeito é formado de fora para dentro, e não permanece o mesmo porque a sociedade na qual ele está inserido o transforma.

Dessarte, o diálogo é a forma mais natural da linguagem (VOLOSHINOV, s/a, p. 4). Em sentido estrito, o termo diálogo, nos romances em estudo, é representado pela sequência de falas trocadas entre as personagens. De natureza social e, conseqüentemente, ideológica, é através do diálogo que se dá a interação discursiva entre o *eu* e *os outros* e vice-versa. Nesse sentido,

[...] *a palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o *produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia

uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205, grifos do autor).

Ao ponderar a palavra como um ato bilateral, aciona-se a interação discursiva enquanto realidade basilar da linguagem. A interação não se restringe apenas ao diálogo (face a face), exclusivamente verbal e livre das outras formas languageiras como o gestual, a imagem, a entonação, as vozes, o eco, a ressonância, a reverberação, a réplica, mas também diz respeito a ele. Ela abrange toda forma de comunicação que se concretiza pelo uso, simultâneo ou não, de elementos verbais, vocais e visuais.

É importante salientar que a palavra é ideológica por natureza, aceita juízos de valor e corresponde a uma luta de classes, isto é, uma arena onde se enfrentam os valores sociais contraditórios. Para Bakhtin (2016, p. 28), a palavra apenas ganha sentido quando integra uma situação social de comunicação, que se realiza com os usos de linguagem pelos enunciados, orais ou escritos. Na trilogia *Divergente*, o que faz da interação um evento dinâmico, são as disputas axiológicas travadas nas diversas relações sociais dentro da cidade de Chicago e além dos limites da cerca que a rodeiam.

Agora, ao atentar-se para as palavras *divergente*, *insurgente*, *convergente*, e como elas interferem crucialmente na construção identitária de Beatrice (Tris) enquanto sujeito dialógico, concorda-se com a explicação de Volóchinov (2017) a respeito de que

[...] a palavra participa literalmente de toda interação e de todo contato entre as pessoas: da colaboração no trabalho, da comunicação ideológica, dos contatos eventuais cotidianos, das relações políticas etc. Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas de comunicação social. É bastante óbvio que a palavra será o *indicador* mais sensível das *mudanças sociais*, sendo que isso ocorre lá onde essas mudanças ainda estão se formando, onde elas ainda não se constituíram em sistemas ideológicos organizados. A palavra é o meio em que ocorrem as lentas acumulações quantitativas daquelas mudanças que ainda não tiveram tempo de alcançar uma nova qualidade ideológica nem de gerar uma nova forma ideológica acabada. A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106, grifos do autor).

Assim, compreende-se que a esfera comunicativa de utilização das palavras *divergente*, *insurgente*, *convergente*, por ser cultural e social, bem como de criação estética artística, indica ao mesmo tempo mudanças profundas, sensíveis e personalíssimas em um indivíduo, no caso Beatrice (Tris), porém, no mesmo instante não condiz somente a ela, mas ao coletivo, tendo em vista que tais transformações exprimem perigo tanto para ela quanto para aqueles que a

rodeiam. Percebe-se da leitura analítica das obras literárias em comento, como tais palavras compostas por incontáveis fios ideológicos, alcançam sem restrição todas as relações sociais da personagem protagonista, podendo ser consideradas como signos verbais, ideológicos por excelência, que refletem e refratam uma realidade em (trans)formação (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106), sendo que o ser refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata. Esta refração do ser no signo ideológico se dá devido ao confronto de interesses sociais nos limites de apenas uma e mesma comunidade semiológica que reside na luta de classes que se imprime na linguagem (VOLÓCHINOV, 2017, p. 112).

Nesse entendimento, Paula, Figueiredo e Paula (2011) complementam que:

[...] o conceito de diálogo contempla a ideia de um sujeito inacabado e incompleto, pois é no movimento (dialógico) entre duas consciências, no reflexo e na refração dos valores ideológicos, que o humano marca a sua assinatura na existência. E é na palavra, no signo ideológico, que o embate de valores se dá e se faz perceber em todas as sutilezas de transformação, de transmutação e transgrediência (PAULA; FIGUEIREDO; PAULA, 2011, p. 148).

Logo, por meio do diálogo com os demais personagens que se evidencia a (trans)formação de Beatrice (Tris) como sujeito dialógico, e, conseqüentemente, no reflexo e na refração de valores ideológicos, ela assinala a própria existência no contexto social da trilogia *Divergente*. Observa-se, ainda, que o sujeito não pode ser apagado dentro da coletividade – no caso em tela, da organização social imposta dentro e fora da cidade de Chicago – na qual está inserido, pois antes da coletividade, há o agir singular de cada um. Assim como, o sujeito – Beatrice (Tris) – não pode apagar o agir coletivo, sendo que é na relação com o(s) outro(s) que ele é constituído. Nesse sentido, arremata-se que

[...] para Bakhtin, ainda que exista a coletividade, há antes dessa, o agir singular de cada um no evento único do existir. Porém, é necessário dizer que tal posicionamento de Bakhtin sobre o sujeito de modo algum apaga o agir coletivo ou a materialidade sócio-histórica da questão da luta de classes. De uma forma geral, pode-se dizer que o pensamento desenvolvido por Bakhtin centra-se no agir ético do sujeito que se dá sempre na relação com o outro. E é a partir da singularidade única e irrepitível de cada ato do sujeito que se tem o desenvolvimento da dialogia (PAULA; FIGUEIREDO; PAULA, 2011, p. 149).

Pelo exposto, nota-se que: “[...] Bakhtin e o Círculo é hoje importante referência no campo teórico da literatura. Todas as obras de Bakhtin e do Círculo [...] trazem elementos e exemplos de literatura para se pensar a filosofia, a língua, o diálogo, o enunciado, o sujeito, a

interação [...]” (STAFUZZA, 2019, p. 79). Além disso, dissertar com eles “[...] é participar do diálogo vivo (e tenso) da vida que perpassa o conhecimento” (STAFUZZA, 2019, p. 81). Assim, a pesquisa fundamenta-se nos pressupostos teóricos russos, especialmente, nas obras: *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (2017), de Volóchinov; *Teoria do romance I: a estilística* (2015), de Bakhtin; *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas* (2017a), de Bakhtin; *Os gêneros do discurso* (2016), de Bakhtin; *Estrutura do enunciado* (s/a), de Voloshinov; *O freudismo: um esboço crítico*<sup>3</sup> (2017b), de Bakhtin; *Para uma filosofia do ato responsável* (2017c), de Bakhtin; entre outras. É importante atentar-se para o fato de que

[...] a menção às obras do Círculo se dão pelo conjunto de textos produzidos até a década de 1930, período em que o grupo se reunia, sendo os textos posteriores bakhtinianos; assim respeita-se a autoria e a história do Círculo de Bakhtin no contexto político e cultural de expurgo da Rússia soviética de regime stalinista (STAFUZZA, 2019, p. 72).

Para atingir a finalidade proposta, fez-se inicialmente a leitura dos romances, bem como o levantamento bibliográfico na área de conhecimento do tema em análise. Posteriormente, foram selecionados e recortados os enunciados que serão descritos, analisados e interpretados sob a perspectiva do cotejamento.

O cotejamento de enunciados “é a única forma de desvendar os sentidos” (GERALDI, 2012, p. 29-30). E, ao adotar esse procedimento metodológico, deseja-se recuperar, ainda que parcialmente, “a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento da origem” (GERALDI, 2012, p. 33). Assim, o cotejamento coloca os enunciados do *corpus* em diálogo “com outros enunciados fazendo emergirem mais vozes para uma penetração mais profunda no discurso, sem silenciar a voz que fala em benefício de um já dito que se repete constantemente” (GERALDI, 2012, p. 27-28).

---

<sup>3</sup> “*O Freudismo* é um livro ímpar no conjunto da obra de Mikhail Bakhtin. Assinado por seu discípulo V. N. Volochínov, o que pode sugerir uma obra a quatro mãos [...]” (BEZERRA, 2017a, p. 11, grifo do autor). Todavia, a partir de pesquisas realizadas em arquivos russos que deram origem ao ensaio introdutório *Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV* do volume *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*, as tradutoras Grillo e Américo (2019), ao reconstituírem a trajetória intelectual de Valentin Volóchinov, esclarecem que Volóchinov, um dos principais integrantes do Círculo de Bakhtin, é o autor do livro *O Freudismo* (1927), obra por vez atribuída ao próprio Bakhtin. Assim, a questão de autoria da(s) obra(s) de Volóchinov atribuída(s) a Bakhtin é complexa e fica de fora do escopo desta dissertação.

Esta pesquisa apresenta-se no e pelo tripé metodológico da descrição-análise- interpretação de enunciados, pois ao descrever os enunciados, mostra-se como ocorre a constituição identitária de Beatrice (Tris) enquanto sujeito dialógico em *Divergente*. A análise, por sua vez, considera o correlacionamento dos enunciados que constituem o todo arquitetônico romanesco, tomando a escrita literária a partir das concepções teóricas oriundas da filosofia da linguagem do Círculo russo. E, ainda, ao interpretar, o olhar do pesquisador situa-se no *corpus*, atentando-se para a constituição do sujeito dialógico e sua produção de sentidos na trilogia em estudo.

Para estudar a linguagem em sua dialogicidade nos romances supramencionados, considera-se o método dialético-dialógico bakhtiniano para orientar a relação entre pesquisador e *corpus*, bem como entre *corpus* e teoria, uma vez que a metodologia entende o objeto da pesquisa, aqui, o enunciado, não como objeto em si, mas como sujeito que transforma o pesquisador por meio da interação, ainda que o pesquisador eleja o *corpus*. Dessa forma, Amorim (2004) considera o *corpus* enquanto o outro do pesquisador, que com ele se relaciona, sendo que tal perspectiva propõe o método dialético-dialógico para se pensar a linguagem. Portanto, o método bakhtiniano se distancia do método positivista ou cartesiano, tendo em vista que a abordagem dialético-dialógica procura relacionar a partir de uma visão socioideológica o enunciado com a vida cultural e social, tendo como base a arquitetônica de um projeto de dizer de sujeitos, ambientados em cronotopos específicos constituídos, sobretudo, por relações dialógicas.

Esta Dissertação, portanto, está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *Romance: o gênero do ser expressivo e falante*, atentando-se para as teorias do romance e dos gêneros do discurso, propostas por Bakhtin, trata sobre a estilística romanesca, o relacionamento entre a literatura, a cultura e o *grande tempo*, os gêneros do discurso e o enunciado. O segundo capítulo, denominado *Reflexo e refração dos signos ideológicos: divergente, insurgente e convergente*, analisa os enunciados selecionados e recortados dos romances da trilogia *Divergente*, considerando as noções de palavra e de signo ideológico, propostas por Volóchinov, em *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (2017) e em *Estilística do discurso literário III: a palavra e sua função social* (2019). O terceiro capítulo, nomeado *A alteridade como constituinte do sujeito dialógico na trilogia Divergente* apresenta a trajetória de formação da identidade de Beatrice Prior (Tris), tendo em vista a concepção de sujeito rastreada nos escritos das obras de Bakhtin e do Círculo. E, por último, seguem as *Palavras Finais*.

## CAPÍTULO 1

### ROMANCE: O GÊNERO DO SER EXPRESSIVO E FALANTE

O objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado (BAKHTIN, 2017a, p. 59, grifos do autor).

O presente capítulo proporciona um mergulho nas águas teóricas bakhtinianas do romance e dos gêneros do discurso para compreender a densidade estilística da prosa romanesca, o inter-relacionamento entre a literatura, a cultura e o *grande tempo*, a complexidade do heterogêneo repertório de gêneros do discurso e o enunciado como unidade dialógica.

#### 1.1 O estilo autêntico do romance

Para a estilística tradicional, voltada para o gênero poético e preocupada com as descrições linguísticas da linguagem e com as análises de alguns elementos estilísticos, o romance “veio a ser a pedra de toque” (BAKHTIN, 2015, p. 27), pois pelo mantra da literariedade ele não se enquadrava à vida artística da palavra. Todavia, a teoria romanesca bakhtiniana, imbricada à concepção da linguagem como entidade viva e multifacetada, ilumina e redimensiona o romance ao compreendê-lo não como um gênero poético fechado, porém, como um “fenômeno pluriestilístico, heterodiscursivo, heterovocal” (BAKHTIN, 2015, p. 27) que foge às normas da estilística tradicional.

Para essa teoria, o romance é definido como “*um heterodiscurso social artisticamente organizado, às vezes uma diversidade de linguagens e uma dissonância individual*” (BAKHTIN, 2015, p. 29, grifos do autor). Assim, ele possui um estilo original devido à estratificação interna da língua, ao heterodiscurso social e à dissonância individual que povoa cada obra.

A estratificação interna da língua, em cada momento histórico, é fator primordial da prosa romanesca, pois a linguagem literária está estratificada em linguagens socioideológicas, ou seja, modos de falar, jargões, dialetos sociais, linguagens de gêneros, de profissões, de grupos, de gerações etc. Assim, Bakhtin (2015) esclarece que:

Essa estratificação se deve antes de tudo aos organismos específicos dos *gêneros*. Esses ou aqueles elementos da língua (lexicológicos, semânticos,

sintáticos, etc.) agregam-se estreitamente à diretriz intencional e ao sistema geral de acento desses ou daqueles gêneros: dos gêneros oratórios, publicísticos, dos jornais, revistas, dos gêneros inferiores da literatura (romance vulgar, por exemplo) e, por fim dos diversos gêneros da grande literatura. Vários elementos da língua ganham o aroma específico desses gêneros: agregam-se aos pontos de vista específicos, aos enfoques, às formas de pensamento, às nuances e aos acentos de dados gêneros. (BAKHTIN, 2015, p. 63, grifo do autor).

Desse ponto de vista, a linguagem literária tem uma eximia capacidade de explorar as potencialidades de cada gênero da atividade humana, agregando ao romance elementos linguísticos, tendências, formas de pensamento e pontos de vista de diferentes âmbitos e níveis sociais.

O heterodiscurso social corresponde à estratificação interna da língua e abarca toda a diversidade de vozes socioculturais de diferentes épocas e períodos da vida, por meio da dissonância individual de cada autor(a) em um dado processo literário. Logo, “o romance *orquestra* todos os seus temas, todo o seu universo de objetos e sentidos que representa e exprime” (BAKHTIN, 2015, p. 30, grifo do autor).

Isto posto, percebe-se que o romance é aberto ao diálogo social das linguagens e o seu discurso segue uma orientação dialógica, própria e natural a qualquer discurso vivo. O discurso romanescos, como um todo verbalizado, adquire feição, tom estilístico e acabamento por meio do processo dialogizado. Nesse diapasão,

[...] Para o prosador, o objeto é o ponto de concentração de vozes heterodiscursivas, entre as quais deve ecoar também sua própria voz; essas vozes criam o campo necessário para a voz do prosador, fora da qual os matizes de sua prosa ficcional são imperceptíveis, “não ecoam”. O artista da prosa erige esse heterodiscurso social em torno do objeto até atingir a imagem acabada, penetrada pela plenitude dos ecos dialógicos, das ressonâncias literárias calculadas para todas as vozes e tons essenciais desse heterodiscurso. [...] (BAKHTIN, 2015, p. 51).

Daí, observa-se que o prosador romancista é responsável por acolher no romance o heterodiscurso e a variedade de linguagens literárias e não literárias que favorecem na construção da obra, garantindo os ecos dialógicos e as ressonâncias literárias. O romance e o seu discurso respondem com maestria as ínfimas e sensíveis mudanças do clima social de um dado momento histórico.

É importante destacar que quaisquer formas de introdução do heterodiscurso no romance correspondem ao “discurso do outro na linguagem do outro, que serve à expressão refratada das intenções do autor” (BAKHTIN, 2015, p. 113). Isso caracteriza a bivocalidade,

quando a mesma palavra do discurso serve a dois falantes, dialogicamente correlacionados, mas, com duas intenções distintas, a saber: “a intenção direta da personagem falante e a intenção refratada do autor” (BAKHTIN, 2015, p. 113). Dessa forma, percebe-se e compreende-se que “o homem no romance é essencialmente um falante” (BAKHTIN 2015, p. 124), uma vez que o homem romanesco se materializa dialogicamente e ideologicamente na palavra e, por conseguinte, na ação intencional da fala.

## 1.2 A relação intrínseca entre a literatura, a cultura e o *grande tempo*

A teoria bakhtiniana do romance rompeu com os paradigmas predominantes na história, na teoria e na crítica literária, ao priorizar a cultura em detrimento dos fatores socioeconômicos na constituição e na história da literatura, sustentando que:

[...] A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época. É inaceitável separá-la do restante da cultura e, como se faz constantemente, ligá-la imediatamente a fatores socioeconômicos, passando, por assim dizer, por cima da cultura. Esses fatores agem sobre a cultura no seu todo e só através dela e junto com ela influenciam a literatura (BAKHTIN, 2017a, p. 11).

Assim, a cultura, sob as influências de fatores sociais, econômicos e outros, age diretamente na literatura e “permite identificar numa obra literária o espaço e o tempo de sua produção, assim como os valores e relações humanas aí vigentes” (BEZERRA, 2017b, p. 82). Em *Divergente – uma escolha pode te transformar* (2012), percebe-se a atualidade e a contemporaneidade de produção do romance com a realidade cultural dos leitores do presente século, pelos dois enunciados a seguir discriminados. O primeiro constante no Capítulo Quatro, quando Beatrice narra sobre o consumo de alimentos congelados e enlatados (*fast-foods*), bem como sobre a resistência à aquisição de alimentos geneticamente modificados (alimentos transgênicos).

[...] *A maior parte do que comemos é congelada ou enlatada*, porque as fazendas hoje em dia estão muito longe. Minha mãe me disse que, há muito tempo, havia pessoas que se *recusavam a comprar alimentos geneticamente modificados*, pois achavam que eles não eram naturais. Hoje em dia, não temos nenhuma opção (ROTH, 2012, p. 37, grifos meus).



E, o segundo enunciado constante no Capítulo Cinco, refere-se à saudação de Marcus, líder da Abnegação, direcionada à plateia presente na Cerimônia de Escolha, acerca da filosofia democrática dos antigos governantes, ou seja, remete aos Estados Democráticos de Direito.

– Sejam bem-vindos – diz ele. – Sejam bem-vindos à Cerimônia de Escolha. Sejam bem-vindos à maneira com a qual honramos *a filosofia democrática de nossos antepassados*, que afirma que cada homem tem o direito de escolher o seu próprio caminho no mundo (ROTH, 2012, p. 47-48, grifos meus).

Isso mostra que a obra literária é indissociável da cultura do tempo de sua criação e também das eras seguintes, sendo que “sua plenitude só se revela no *grande tempo*” (BAKHTIN, 2017a, p. 16, grifos do autor). O *grande tempo* corresponde ao “diálogo infinito e inacabável em que nenhum sentido morre” (BAKHTIN, 2017a, p. 78), pois

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Mesmo os sentidos do *passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, jamais podem ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre hão de mudar (renovando-se) no processo do futuro desenvolvimento do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitada de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em um novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do *grande tempo* (BAKHTIN, 2017a, p. 79, grifos do autor).

O *grande tempo* bakhtiniano é um tempo infinito, histórico-cultural, vinculado à natureza social, uma vez que permite o diálogo contínuo e inacabado de diferentes épocas e culturas, por meio da leitura e da interpretação, sendo o presente apenas um período transitório que corresponde à sucessão do passado e ao princípio do futuro. E, ainda, o referido tempo é gerador, portador e renovador de sentidos no progressivo desenvolvimento do diálogo estabelecido pela leitura e pela interpretação de uma dada obra literária em diferentes contextos históricos e culturais. Sob essa concepção, entende-se que “o romance relê o passado à luz do presente na perspectiva do futuro” (BEZERRA, 2017b, p. 88).

Dessa maneira, para a teoria bakhtiniana, a relação entre cultura e literatura é intrínseca e inseparável, sendo que o diálogo de culturas e de épocas, através da leitura e da interpretação, se dá no *grande tempo*, proporcionando a transcendência da obra literária no espaço e no tempo.

### 1.3 O gênero discursivo romanesco

O uso multiforme da linguagem permeia todas as áreas da multifacetada atividade humana e não contraria a unidade nacional de uma língua. Assim, Bakhtin (2016) explica que

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados *no conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo de comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora *seus tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2016, p. 11-12, grifos do autor).

Nesse sentido, devido às inesgotáveis possibilidades de atividade humana que criam e desenvolvem um complexo e heterogêneo repertório de gêneros do discurso, faz-se necessário apresentar os três traços distintos da teoria dos gêneros de Bakhtin, a saber: os gêneros primários, os gêneros secundários e o enunciado como unidade dialógica.

Os gêneros primários ou simples correspondem as diversas formas de diálogo e comunicação cotidiana na atividade concreta e cultural, assim como no mero convívio humano (BAKHTIN, 2016, p. 12). Cada modalidade deste gênero tem conteúdo específico, acabamento e estilo próprio estabelecidos pelas condições específicas de formulação e de endereçamento.

Por sua vez, os gêneros secundários ou complexos referem aos gêneros literários propriamente ditos (ficcional), as pesquisas científicas de toda espécie (científico) e os grandes gêneros publicísticos (sociopolítico), que aparecem nas condições de um convívio cultural complexo, desenvolvido e organizado (BAKHTIN, 2016, p. 15). No processo de formação, predominantemente o escrito, esses gêneros, particularmente, o romanesco, que é o foco desta pesquisa,

[...] incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições de comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, ao integrarem os complexos, nestes se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios: por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano ou da carta no romance, ao manterem a sua forma e o significado cotidiano apenas no plano do conteúdo romanesco, integram a realidade concreta apenas

através do conjunto do romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana. Em seu conjunto, o romance é um enunciado, assim como a réplica do diálogo cotidiano ou uma carta privada (ele tem a mesma natureza dessas duas), mas difere deles por ser um enunciado secundário complexo [...] (BAKHTIN, 2016, p. 15).

A incorporação e a reelaboração dos gêneros primários evidencia-se nos romances *Divergente – uma escolha pode te transformar* (2012), *Insurgente – uma escolha pode te destruir* (2013) e *Convergente – uma escolha vai te definir* (2014), pelas réplicas do diálogo cotidiano travadas por Beatrice (Tris) e pelos demais personagens, sendo que elas mantêm a forma e o significado cotidiano somente no plano do conteúdo romanesco e integram a realidade concreta através do conjunto do romance, isto é, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana. Isto posto, pela teoria bakhtiniana de gêneros, os referidos romances são considerados gêneros discursivos secundários (complexos) e, ainda, são enunciados complexos secundários.

Para Bakhtin (2016, p. 21), “onde há estilo há gênero”. Nesse viés, os romances da trilogia *Divergente* possuem um estilo distópico<sup>4</sup>, uma vez que o espaço e o tempo, criados por Veronica Roth, retratam a cidade de Chicago futurista, pós-guerra, organizada socialmente pelo sistema de facções, aparentemente perfeito, que originou-se para erradicar as más qualidades humanas (como, a ignorância, a duplicidade, a covardia, a agressividade e o egoísmo) responsáveis pela desordem no mundo. Entretanto, como toda espécie de governo, o sistema de facções está sujeito à corrupção e ao vício, ressaltando que o poder exercido pela liderança de cada facção dá-se com o uso da violência e da tecnologia para controlar os próprios membros e até mesmo os sem-facção. Além disso, a ficção distópica baseia-se em uma

[...] história intencional de advertência – que se refere a uma sociedade imaginada e projetada no futuro – que deve causar assombro aos leitores. A vida se torna pior no futuro imaginado pelo autor, mesmo que seus habitantes imaginários sequer se deem conta disso, em muitos casos. Essas advertências e a ideia de “pior” destacam sempre condições relacionadas ao contexto do autor que lhe parecem indesejáveis caso elas se realizem ou se radicalizem como modo de vida. São, portanto, críticas à sociedade que contemplam aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais. A materialização das utopias e a tecnologia têm sido as principais motivações desses medos e dessas ansiedades, e o resultado dessas sociedades imaginadas tende a uma forma de vida e de organização social na qual o homem perde a capacidade de definir o seu destino ou de ter consciência acerca dele. A crítica e o medo se situam

<sup>4</sup> O estilo distópico dos romances da série *Divergente* é foco de estudo das seguintes produções acadêmicas: *A narrativa distópica juvenil: um estudo sobre Jogos Vorazes e Divergente*, de Paula Martins Rodrigues (2015); e, *Divergência, insurgência e convergência: uma análise da trilogia Divergente sob a luz das distopias modernas e contemporâneas*, de Anderson Martins Pereira (2017).

notadamente na conversão do homem e da sociedade a modos únicos e inevitáveis de existência” (KOPP, 2011, p. 61-62).

Portanto, pode-se observar que a ficção distópica *Divergente* possui um caráter de advertência, tendo em vista que mostra para os leitores a projeção futura das conjunturas sociais, políticas, econômicas, culturais de Chicago que não foram retificadas em um dado momento histórico. Além disso, Beatrice (Tris) expõe aos leitores – seja pela própria narrativa ou seja pelos diálogos travados com outros personagens – as preocupações, os medos, as ânsias quanto à forma de vida e de organização social, considerados como modos únicos e inevitáveis de existência, que restringem (parcial ou totalmente) a capacidade de definir o próprio destino ou de ter consciência sobre ele. Assim, a narrativa distópica opera como uma crítica social, política, cultural e econômica a um dado momento histórico indesejável e até mesmo vivenciado pelo(a) autor(a) da(s) obra(s) literária(s), no caso em comento, por Veronica Roth.

Também, é importante salientar que o estilo do gênero determina o destinatário do discurso. Nesse diapasão, Bakhtin (2016, p. 67) pontua que “[...] Cada época, cada corrente literária e estilo ficcional, cada gênero literário no âmbito de uma época e cada corrente têm como características suas concepções específicas de destinatário da obra literária, a sensação especial e a compreensão do seu leitor, ouvinte, público, povo”. E, ainda, exemplifica que “[...] os gêneros da literatura popular científica são endereçados a um determinado círculo de leitores dotados de um determinado fundo aperceptivo de compreensão responsiva; a outro leitor está endereçada uma literatura didática especial [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 64). Corroborando esse entendimento, atina-se para o fato de que os romances da série distópica *Divergente* estão endereçados e dialogam com jovens leitores, por trazer para o mundo juvenil, através da narração em primeira pessoa dos adolescentes, Beatrice (Tris) e Tobias (Quatro), as tensas e sombrias reflexões, discussões e embates da transição da adolescência para a fase adulta, a busca da própria identidade, bem como do próprio lugar dentro da sociedade na qual estão inseridos, dentre outras temáticas, como o uso da tecnologia e das inúmeras formas de violência. Portanto, os romances distópicos despertam o interesse dos jovens, pelo fato de que

A literatura juvenil, por si própria, já possui essa qualidade de retratar os conflitos da passagem da inocência para a maturidade, quase como em um romance de formação, mas, na distopia em específico, os sentimentos mais sombrios dessa passagem encontrariam um bom terreno para o seu desenvolvimento [...] (RODRIGUES, 2015, p. 56).

A seguir, em um tópico específico, trata-se o terceiro traço da teoria bakhtiniana de gêneros, a saber: o enunciado como unidade dialógica.

#### 1.4 A dialogicidade do enunciado

O enunciado como “*unidade real de comunicação discursiva*” (BAKHTIN, 2016, p. 22, grifos do autor) constitui um dos elos para a compreensão do processo vivo da comunicação humana, tanto na realidade quanto na ficção, que proporciona atitudes responsivas. Assim, o discurso só existe e se consolida em forma de enunciados concretos de determinados falantes ou sujeitos do discurso, cujos limites são absolutamente precisos e impostos pela alternância de tais sujeitos. Nesse sentido, Bakhtin (2016) afirma que:

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, delimitada com precisão pela alternância de sujeitos do discurso e que termina com a transmissão da palavra do outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante concluiu a fala (BAKHTIN, 2016, p. 29, grifos do autor).

Nota-se que o enunciado tem um caráter ativamente responsivo, pois o que foi escutado – escrito ou lido, considerando os gêneros discursivos secundários, como o romance – e efetivamente compreendido, mais cedo ou mais tarde, será respondido pelo ouvinte (leitor), que se torna falante, seja nos discursos posteriores e/ou seja no próprio comportamento. Por conseguinte,

[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2016, p. 26).

Desse modo, os enunciados configuram-se como unidades pertencentes à comunicação discursiva, pelo fato de que a língua possui um caráter social e responsivo, logo, dialógico. Assim, os enunciados sempre respondem a outros, se constituem a partir de outros, além de dialogarem entre si, possibilitando o funcionamento da linguagem. Essa relação dialógica estabelecida entre os enunciados será perceptível, de forma concreta e expositiva, nos capítulos seguintes, durante as análises.

A partir do diálogo e suas réplicas, Bakhtin (2016, p. 31) apresenta que a oração é a unidade da língua, ao passo que o enunciado é a unidade da comunicação discursiva. E, posteriormente, os diferencia, explicando que

A oração enquanto unidade da língua tem natureza gramatical, fronteiras gramaticais, lei gramatical e unidade. [...] ademais, o enunciado pode ser construído a partir de uma oração, de uma palavra [...] mas isso não leva uma unidade da língua transformar-se em unidade da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2016, p. 33).

Nesse raciocínio, Bakhtin (2016) expõe que existem peculiaridades constitutivas do enunciado como unidade da comunicação discursiva que o distingue da unidade da língua, a saber: a alternância dos sujeitos do discurso, a conclusibilidade do enunciado e a relação do enunciado com o próprio falante (autor do enunciado) e com outros participantes da comunicação discursiva.

Assim, quanto à alternância dos sujeitos do discurso, Bakhtin (2016, p. 35) afirma que ela “[...] emoldura o enunciado e cria para ele a massa firme, rigorosamente delimitada dos outros enunciados a ele vinculados [...]”. Por conseguinte, em relação à conclusibilidade do enunciado, entende-se que “[...] é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) *tudo* o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições” (BAKHTIN, 2016, p. 35, grifo do autor). Constata-se que essa peculiaridade garante uma possibilidade de resposta, uma vez que desperta uma atitude responsiva, assim como gera no falante a vontade de produzir sentido, ou seja,

Em cada enunciado – da réplica monovocal do cotidiano às grandes e complexas obras de ciência ou de literatura – abrangemos, interpretamos, sentimos a *intenção discursiva* ou a *vontade de produzir sentido* por parte do falante, que determina a totalidade do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras [...] (BAKHTIN, 2016, p. 37, grifos do autor).

Ademais, a conclusibilidade do enunciado se dá em uma das formas estáveis do gênero do enunciado, tendo em vista que a vontade do falante se concretiza na escolha de um gênero de discurso. Conforme tratado no tópico anterior deste capítulo, os gêneros do discurso são determinados tipos de enunciados (orais ou escritos) estilísticos, temáticos e composicionais, relativamente estáveis, criados em cada campo da atividade humana e da vida em que a língua for empregada, sendo cada enunciado “individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual” (BAKHTIN, 2016, p. 17). À vista disso,

[...] A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciados concretos que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. Assimilamos as formas da língua somente nas formas dos enunciados e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência juntas e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos o volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que, em seguida, apenas se diferencia no processo da fala. Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente cada enunciado e pela primeira vez, a comunicação discursiva seria quase impossível (BAKHTIN, 2016, p. 38-39).

Daí, verifica-se a correlação substancial das formas do gênero e das formas da língua, em razão da estabilidade e da normatividade para o falante, pois quanto mais conhece os gêneros e os domina, maior é a destreza para empregá-los de acordo com a possibilidade e a necessidade da comunicação discursiva em um dado campo de uso da língua. Logo, dependendo do gênero escolhido, pode-se construir o enunciado em sua totalidade com apenas uma oração, como também, o enunciado pode ser formado por várias orações, e suscitar respostas, favorecendo o diálogo entre falante e ouvinte, e vice-versa.

No que diz respeito à relação do enunciado com o próprio falante (autor do enunciado) e com outros participantes da comunicação enquanto peculiaridade constitutiva do enunciado como unidade da comunicação discursiva, Bakhtin (2016, p. 46) ensina que a oração (unidade da língua) e a palavra apenas tornam-se expressão do falante funcionando como enunciado

pleno em uma situação concreta de comunicação discursiva, caso contrário, tanto a oração quanto a palavra não pertencem a ninguém, não são endereçadas a ninguém, portanto, são impessoais.

Isto posto, se há um autor do enunciado (escrito ou oral), entende-se que o enunciado pode ser endereçado, direcionado para alguém, pois pela composição e pelo estilo do enunciado, o falante ou o escritor determina o destinatário que responderá o enunciado. O destinatário pode ser

[...] um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural, pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários, os adversários e inimigos, o subordinado, o chefe, um inferior, um superior, uma pessoa íntima, um estranho, etc.; ele também pode ser um *outro* totalmente indefinido, não concretizado (em toda sorte de enunciados monológicos de tipo emocional). Todas essas modalidades e concepções do destinatário são determinadas pelo campo da atividade humana e da vida a que tal enunciado se refere. [...] (BAKHTIN, 2016, p. 62-63, grifo do autor).

Assim, pelos diferentes tipos de destinatários, percebe-se que eles são determinados por cada gênero do discurso em cada área da comunicação discursiva. Além do mais, é relevante destacar que Bakhtin (2016) considera as obras de diferentes gêneros científicos e ficcionais, dentre elas, o romance, como unidades da comunicação discursiva, ou seja, enunciados, uma vez que elas possuem caráter dialógico, alternância dos sujeitos do discurso, conclusibilidade do enunciado e relação do enunciado com o próprio falante (autor do enunciado) e com outros participantes da comunicação discursiva. Destarte, ele reitera que

Complexas por sua construção, as obras especializadas dos diferentes gêneros científicos e ficcionais, a despeito de toda a diferença entre elas e as réplicas do diálogo, também são, pela própria natureza, unidades da comunicação discursiva: também estão nitidamente delimitadas pela alternância dos sujeitos do discurso, cabendo observar que essas fronteiras, ao conservarem a sua *precisão* externa, adquirem um caráter interno graças ao fato de que o sujeito do discurso – neste caso o *autor* de uma obra – aí revela a sua *individualidade* no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos da ideia de sua obra. Essa marca da individualidade, jacente na obra, é o que cria princípios interiores específicos que a separam de outras obras a ela vinculadas no processo de comunicação discursiva de um dado campo cultural: das obras dos predecessores nas quais o autor se baseia, de outras obras da mesma corrente, das obras de correntes hostis combatidas pelo autor, etc. A obra, como a réplica do diálogo, está disposta para a resposta do outro (dos outros), para a sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre seguidores e continuadores;



ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva de um dado campo da cultura. A obra é um elo de cadeia da comunicação discursiva; como a réplica do diálogo, está vinculada a outras obras – enunciados: com aquelas que lhe respondem; ao mesmo tempo, à semelhança da réplica do diálogo, ela está separada daquelas pelos limites absolutos da alternância dos sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2016, p. 34-35, grifos do autor).

Sob essa concepção, a obra de arte literária, considerada como “enunciado estético” (BEZERRA, 2016, p. 162), é o elo na cadeia da comunicação discursiva na esfera da estética que rompe os limites de sistemas literários vigentes, de épocas e de culturas, para contatar e dialogar com outras obras literárias no *grande tempo*. Portanto, entende-se que os romances da trilogia *Divergente*, como enunciados estéticos, contatam e dialogam no *grande tempo*, sejam pela temática proposta ou sejam pelo estilo distópico ou sejam pelo público leitor alvo, com romances do século XX e XXI, tais como: *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley (2009), publicado em 1932; *1984*, de George Orwell (2009), publicado em 1949; *A revolução dos bichos*, de George Orwell (2007), publicado em 1945; e, os romances da trilogia *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins, a saber: *Jogos Vorazes* (2010); *Em chamas* (2011); e, *A esperança* (2011), publicados, respectivamente, em 2008, 2009 e 2010.

Feitas as ponderações teóricas consideradas pertinentes para este estudo e oportunas para o momento, parte-se para a verificação do real funcionamento do enunciado como unidade dialógica nos romances: *Divergente – uma escolha pode te transformar* (2012); *Insurgente – uma escolha pode te destruir* (2013); e, *Convergente – uma escolha vai te definir* (2014).

CAPÍTULO 2  
REFLEXO E REFRAÇÃO DOS SIGNOS IDEOLÓGICOS: *DIVERGENTE*, *INSURGENTE*  
E *CONVERGENTE*

Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais (VOLÓCHINOV, 2017, p. 140).

O presente capítulo, subdividido em três partes, dedica-se ao estudo das palavras *divergente*, *insurgente* e *convergente* como signos ideológicos, a partir de enunciados selecionados e recortados dos romances da série *Divergente*, para verificar como tais palavras refletem as tênues (trans)formações da existência social da personagem protagonista Beatrice Prior, intitulada como Tris.

**2.1 O signo ideológico *divergente* em *Divergente – uma escolha pode te transformar***

A primeira parte deste capítulo empenha-se na análise da palavra *divergente* como signo ideológico em momentos fundamentais do mundo vivido por Beatrice (Tris) em *Divergente – uma escolha pode te transformar* (2012), por meio da descrição-análise-interpretação de quatro enunciados extraídos da referida obra literária, conforme se vê adiante.

**2.1.1 Tomando ciência do ser *divergente***

A futurista cidade de Chicago, assolada pelos horrores e pelo caos advindos da guerra, protegida por uma cerca que a circunda, está dividida em cinco facções respaldadas em aptidões pessoais, a saber: altruísmo, bondade, coragem, inteligência e honestidade. Trabalhando juntas, elas vivem em paz e cada uma contribui com uma área da sociedade. A Abnegação dedica-se ao assistencialismo social e, especialmente, ao governo de Chicago, pois para ter e manter uma sociedade igualitária, carece-se de líderes altruístas; a Amizade promotora da paz, proporciona conselheiros e zeladores compreensivos, além de cuidar da terra e fornecer alimentos; a Audácia incumbe-se pela segurança pública, garantindo a proteção contra ameaças internas e externas; a Erudição, valoriza o conhecimento científico e tecnológico, bem como oferece professores e pesquisadores para a educação; e, a Franqueza, engajada com a honestidade, a verdade, a justiça e a ordem, providencia líderes confiáveis e seguros para o Judiciário. Além dos sem-facção, que vivem à margem da sociedade, pelo fato de não se enquadrarem em nenhuma das facções.

Conforme a História das Facções, ministrada aos cidadãos de Chicago desde crianças, a organização em facções motiva-se pelo fato de procurar aniquilar as más características humanas, como: egoísmo, agressividade, covardia, ignorância e duplicidade, causadoras da desordem, dos conflitos e da destruição.

Nessa sociedade arquitetada por Roth (2012), encontra-se Beatrice Prior, narrando a própria história. Ela nasceu na Abnegação e, juntamente com a família, usufrui de uma vida altruísta, sem qualquer tipo de vaidade e autocongratulação. As roupas e as comidas são simples, sem cor e sem tempero, o mero ato de olhar-se no espelho ocorre só por alguns minutos a cada três meses, como modo de resguardar-se da vaidade. Todavia, na procura do autoconhecimento, Beatrice sente que não é altruísta o bastante, uma vez que ela tem se esforçado há dezesseis anos e, até então, não conseguiu se identificar com a Abnegação. Diante disso, ela vê no teste de aptidão, a oportunidade de encontrar a facção a que pertence, e, conseqüentemente, na Cerimônia de Escolha, definir a que grupo ela se unirá para passar o resto de sua vida.

Assim, o primeiro enunciado a ser analisado, constante no Capítulo Três do livro, refere-se ao diálogo entre Tori, aplicadora do teste de aptidão, e Beatrice, acerca do resultado inconclusivo do referido teste.

– Por um lado, você se atirou sobre o cachorro e não permitiu que ele atacasse a menininha, o que caracteriza-se como reação da Abnegação... mas, por outro, quando o homem lhe falou que a verdade o salvaria, você continuou recusando-se a revelá-la. – Ela suspira. – Não fugir do cachorro sugere a Audácia, mas pegar a faca também, e não foi isso que você fez.

Ela limpa a garganta e continua:

– Sua resposta inteligente ao cachorro sugere um forte alinhamento com a Erudição. Eu não tenho a menor ideia de como interpretar a sua indecisão no primeiro estágio, mas...

– Espere – interrompo-a. – Então você não tem nenhuma ideia de qual é a minha aptidão?

– Sim e não. *Minha conclusão explica ela – é que você apresenta aptidão para a Abnegação, a Audácia e a Erudição. Pessoas que apresentam resultados assim são... – Ela olha para trás, como se esperasse ser surpreendida por alguém. – ...são chamadas de... Divergentes. [...]*

– Beatrice – diz ela –, você não pode compartilhar essa informação com ninguém, sob quaisquer circunstâncias. Isso é muito importante.

[...] *A Divergência é algo extremamente perigoso. Você entendeu bem?*

[...]

*Agora a escolha é minha, independente do resultado do teste.*

*Abnegação. Audácia. Erudição.*

*Divergente* (ROTH, 2012, p. 27-29, grifos meus).

Aos dezesseis anos, Beatrice e os demais jovens são submetidos ao teste de aptidão que lhes informará qual das cinco facções é a mais propícia à sua própria natureza humana. O teste é realizado com o uso do soro de simulação e dos maquinários capazes de entrar na mente da pessoa e observar as escolhas que ela fará em situações hipotéticas. De acordo com as atitudes praticadas, lhe é designada a facção, pois espera-se que o indivíduo tenha tão somente um dos cinco atributos dominantes naquela sociedade, caso contrário, ele representará um perigo.

Pelo enunciado, nota-se o primeiro contato de Beatrice com as palavras *divergentes*, *divergência* e *divergente*, bem como não será fácil encontrar o grupo a que pertence, pois ela possui aptidões de três facções – Abnegação, Audácia e Erudição – e que, particularmente, não cabe em nenhuma delas, sendo denominada por Tori, de forma bem cuidadosa e velada, como *Divergente*. A explicação de Tori quanto ao resultado inconclusivo do teste e a advertência de “[...] não compartilhar essa informação com ninguém, sob quaisquer circunstâncias [...]” (ROTH, 2012, p. 28), pelo fato de que “[...] A divergência é algo extremamente perigoso [...]” (ROTH, 2012, p. 28), deixou Beatrice ainda mais confusa e com muitos questionamentos a respeito da escolha que deverá fazer na Cerimônia de Escolha. Contudo, independentemente do resultado do teste, e ainda, não entendendo o real significado das palavras pronunciadas por Tori, a escolha que Beatrice fará conhecida na Cerimônia de Escolha, caberá exclusivamente a ela.

Para Volóchinov (2017) a palavra é

[...] o fenômeno ideológico *par excellence*. Toda a sua realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo. Não há nada na palavra que permaneça indiferente a essa função e que não seja gerado por ela. A palavra é o *medium* mais apurado e sensível da comunicação social. A significação, a representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a clareza excepcional da sua estrutura signica já seriam suficientes para colocá-la no primeiro plano da ciência das ideologias. É justamente no material da palavra que se pode explicar, do melhor modo possível, as principais formas ideológicas da comunicação signica (VOLÓCHINOV, 2017, p. 98-99, grifos do autor).

Desse modo, entende-se que a palavra é o signo ideológico por excelência. Como todo signo, origina-se no mundo exterior, no processo de interação social entre consciências individuais, que se dá por meio da comunicação discursiva. Sendo que uma consciência individual, repleta de signos, apenas passa a existir como tal, a partir do momento que se envolve pelo conteúdo ideológico (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95). E, Volóchinov (2017) complementa que:

[...] O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação signica* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93, grifos do autor).

Assim, observa-se que a palavra *divergente*, como signo ideológico, surge para Beatrice mediante a interação discursiva com Tori. E, nesta interação, a consciência individual de Beatrice é embebida pelo conteúdo ideológico deste signo, que reflete e refrata uma outra realidade, até o momento, não percebida por ela, de que não possui apenas uma aptidão dominante, para inserir-se a uma determinada facção, mas três. Ressalta-se que, dentro de uma situação hipotética, ela pode utilizá-las simultaneamente. Além disso, é advertida que esta façanha, conhecida como divergência, não é comum na sociedade na qual ela está inserida, pois representa um perigo, uma ameaça, pelo fato de cruzar com os interesses sociais multidirecionados do sistema de facções. E, é aconselhada a esconder o seu diferencial e a tentar adaptar-se a uma das facções.

Daí, fica evidente que a palavra *divergente* “reflete sensivelmente as mudanças mais sutis da existência social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 112) de Beatrice. Assim como o signo ideológico *divergente* transforma-se na arena da luta de classes, uma vez que a partir do momento que Beatrice toma ciência de que é uma *divergente*, no tramitar da história, para ela, viver é decidir e transformar-se continuamente, é lutar para se enquadrar em um dos sistemas de valores impostos pela sociedade.

### 2.1.2 Agindo como um *divergente*

Na Cerimônia de Escolha, os jovens, que se submeteram ao teste de aptidão, externarão a decisão de permanecer na facção que nasceram ou de ir para uma facção diferente e perder, provavelmente, o contato com a família, pois conforme o lema previsto na História das Facções: “*A facção antes do sangue*” (ROTH, 2012, p. 49).

Como bem destaca Beatrice (ROTH, 2012, p. 45): “[...] Ainda não somos considerados membros; nossas decisões hoje nos tornarão iniciandos, e viraremos membros se conseguirmos completar a iniciação”. Assim, dentro da facção escolhida, eles passarão por uma série de treinamentos e avaliações, e caso reprovados, eles serão excluídos da sociedade e passarão a viver como sem-facção, marginalizados.

Para Beatrice, a difícil decisão é ficar com a família ou ser quem ela realmente é. Então, ela faz uma escolha surpreendente a todos, inclusive a si própria. Ela decide ir para a Audácia, pela possibilidade de liberdade e de autoconhecimento, ainda que lutando contra o medo de ser excluída do convívio social: seja pelo fato de não completar a iniciação da Audácia, tornar-se uma sem-facção (escória social); ou, seja pelo fato de ser definitivamente eliminada da sociedade (morta), principalmente, quando ela começa a ouvir relatos acerca das perseguições e das mortes de outros divergentes.

Na nova facção, Beatrice tem a chance de escolher para si um novo nome, Tris. Posteriormente, ela encontra novos hábitos, novos pensamentos, novas regras, portanto, ela tem a esperança de se encontrar. Mas, Tris explica que: “[...] Será tão difícil romper com a mentalidade da Abnegação imbuída em mim quanto puxar um único fio em uma peça complexa de tecelagem. [...]” (ROTH, 2012, p. 95). Para tornar-se membro da Audácia, Tris deverá ficar entre as dez primeiras posições, resultado da combinação de três notas: a primeira, do estágio de combate; a segunda, do estágio das simulações; e, a terceira, do exame final: a paisagem do medo.

Em um dos exercícios do estágio de combate, Tris age como uma *divergente* perante os seus instrutores, Eric e Quatro, e os demais iniciandos, bem como aconteceu na situação hipotética do teste de aptidão, descrita no primeiro enunciado. Contudo, eles não percebem nada, apenas Tris se dá conta do ocorrido. Assim, o segundo enunciado a ser analisado, constante no Capítulo Treze do romance, refere-se à seguinte afirmação de Tris:

Sinto um formigamento de medo dentro de mim, no meu peito, na minha cabeça e nas minhas mãos. *Sinto como se a palavra DIVERGENTE estivesse tatuada na minha testa*, e que, se ele olhasse para mim por tempo o bastante, pudesse vê-la. Mas ele apenas tira a mão do meu ombro e continua andando (ROTH, 2012, p. 177, grifos meus).

Para treinar a mira, Eric explica que cada iniciando deverá lançar três facas no alvo, conforme a técnica correta demonstrada por Quatro. Entretanto, Al, um dos iniciandos, não consegue praticar o exercício com êxito. Então, numa atitude cruel, Eric manda-o buscar as facas que estão caídas no chão enquanto os outros iniciandos continuam lançando-as no alvo. Porém, Al desobedece ao comando com medo de ser atingido. Daí, como punição, Eric irado, manda Al para frente do alvo e determina que Quatro atire as facas no rapaz.

Neste momento, numa atitude desafiadora, inteligente (Erudição), altruísta (Abnegação) e corajosa (Audácia), que caracteriza a divergência, Tris argumenta com Eric que “a intimidação

é um sinal de *covardia*” (ROTH, 2012, p. 174, grifo da autora), assume o lugar de Al em frente o alvo e recebe a punição com o risco de ser atingida por uma das facas.

O segundo enunciado, narrado em primeira pessoa pela própria Tris, pode ser caracterizado como um desabafo mental, expõe sua atitude impetuosa perante a situação de intimidação realizada por Eric, que, por sua vez, se aproxima, segura-a pelo ombro e olha-a, na visão de Tris, como se estivesse tomando ciência de quem ela é, lendo o escrito *DIVERGENTE* tatuado na testa dela e reconhecendo-a como tal. Entretanto, para alívio de Tris, Eric não consegue enxergá-la como uma *divergente*. Ao ter medo de ser descoberta como divergente, Tris já se reconhece como uma, ou seja, possui consciência do seu existir-evento.

No que tange ao caráter social, dialógico e responsivo do enunciado que proporciona o real funcionamento da linguagem romanesca, Volóchinov (2017, p. 298) afirma que “[...] um enunciado encontra o outro, isto é, quando começa a interação discursiva, mesmo que ela não seja direta, ‘face a face’, mas mediada e literária”. E, Bakhtin (2016) reforça que:

[...] Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição *definida* em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, todo enunciado é repleto de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de um dado campo da comunicação discursiva. [...] (BAKHTIN, 2016, p. 57, grifos do autor).

Nesse sentido, observa-se que o segundo enunciado existe e se constitui em resposta aos enunciados que o precederam, neste caso, em particular, o primeiro enunciado, bem como dialoga com este e dialogará com aqueles que ainda o sucederão. Além do mais, o segundo enunciado carrega os ecos e as ressonâncias do primeiro enunciado, no que diz respeito ao signo ideológico *divergente*, tendo em vista que tais enunciados foram produzidos na e pela interação discursiva de Tris com os outros personagens, ou seja, a partir das vozes sociais que dialogam em um dado espaço-tempo-sentido organizado pelo gênero do discurso romanesco.

Isso é notório na relação dialógica estabelecida entre o primeiro enunciado, que retrata Beatrice tomando conhecimento de que é uma *divergente* devido ao resultado inconcluso do teste de aptidão, dentro de uma situação hipotética, e o segundo enunciado, que mostra Tris agindo como uma *divergente*, dentro de uma situação real no estágio de combate na Audácia,

favorecendo a compreensão da formação identitária de Beatrice (Tris) enquanto sujeito dialógico, constituída pela interação discursiva.

Vale destacar que, para Volóchinov (2017, p. 216, grifos do autor) “*O centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão, não está no interior, mas no exterior: no meio social que circunda o indivíduo [...]*”. E, ainda, evidencia que

[...] a personalidade falante, tomada por assim dizer de dentro, é inteiramente um produto das inter-relações sociais. Seu território social não é apenas a expressão exterior, mas também a vivência interior. Consequentemente, todo o caminho entre a vivência interior (aquilo que é “expresso”) e a sua objetivação exterior (o “enunciado”) percorre o território social. Já quando a vivência é atualizada em um enunciado finalizado, a sua orientação social adquire uma direção para a situação social mais próxima da fala e, acima de tudo, aos interlocutores concretos (VOLÓCHINOV, 2017, p. 211).

Nesse sentido, o centro organizador do segundo enunciado está no meio social que circunda Tris, podendo ser visualizado tanto pela expressão exterior, atitude promovida por ela no exercício do estágio de combate na Audácia, quanto pela expressão interior (atividade mental), quando ela expressa por meio de pensamento o sentimento intrínseco de medo (“sinto um formigamento de medo dentro de mim, no meu peito, na minha cabeça e nas minhas mãos”), pelo fato de ser descoberta por Eric como uma *divergente*. Percebe-se, ainda, que o território social constitui o enunciado, mas também o sujeito, uma vez que Tris se constitui enquanto divergente, agindo como tal, justamente no embate da atividade mental e das atitudes praticadas. Assim compreende-se que

[...] qualquer signo ideológico exterior, independentemente do seu gênero, banha-se por todos os lados nos signos interiores, ou seja, na consciência. Esse signo exterior tem sua origem no mar dos signos interiores e nele continua a viver, pois a sua vida se desenvolve no processo de renovação da sua compreensão, vivência e assimilação, ou seja, em sua inserção contínua no contexto interior (VOLÓCHINOV, 2017, p. 128).

Logo, pelos pensamentos, pelas reações físicas e psicológicas de Tris, expressas no segundo enunciado, nota-se que a vida dela já se desenvolve, conscientemente, no processo de compreensão, vivência e assimilação do signo ideológico *divergente* durante a interação social com os demais personagens, neste caso, especialmente, com Eric.

Além disso, Volóchinov (2017, p. 112, grifos do autor) acentua que “a existência não apenas é refletida no signo, mas também é *refratada* nele. O que determina a refração da existência no signo ideológico? O cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos



limites de uma coletividade sígnica, isto é, a *luta de classes*”. Dessa maneira, após praticar a atitude desafiadora, inteligente (Erudição), altruísta (Abnegação) e corajosa (Audácia) que caracteriza a divergência, o ser Tris se vê refletido e refratado no signo ideológico *divergente* na situação de confronto com o instrutor Eric que se imprime na linguagem literária. Assim, o reflexo do signo se dá pela atitude desafiadora de Tris como se a palavra *DIVERGENTE* estivesse tatuada na testa, sendo que a (trans)formação dela como sujeito divergente estivesse evidente aos olhos de todos, independentemente de se tratar de uma situação hipotética ou real. E, a refração se evidencia no momento em que Tris utiliza, com consciência e domínio próprio, concomitantemente as habilidades de três facções para proteger Al e os demais iniciandos da crueldade e da intimidação de Eric, demonstrando que a divergência não representa um perigo como apresentado por Tori (no primeiro enunciado), ao contrário, é uma habilidade ímpar para salvar a si própria e aqueles que a rodeiam dos perigos iminentes.

### 2.1.3 Buscando o real significado do ser *divergente*

O estágio de combate corresponde à primeira etapa do processo de iniciação da Audácia e tem por finalidade preparar o iniciando fisicamente para lidar com armas e lutar corpo a corpo. Tris termina esta fase na sexta posição.

Durante a visita da mãe Natalie Prior ao complexo da Audácia, Tris revela que é uma *divergente*, confirmando as suspeitas da mãe. E, recebe tão somente a seguinte advertência: “[...] você precisa ter muito cuidado durante o próximo estágio na iniciação, Beatrice. Não importa o que aconteça, tente se misturar aos outros. Não chame atenção para si mesma. Entendeu?” (ROTH, 2012, p. 198). Depois deste episódio, somado à advertência de Tori, proferida anteriormente, os questionamentos de Tris, quanto ao significado, ao motivo e à periculosidade da palavra *divergente*, se intensificam.

Enquanto isso, a Erudição promove dissidências em desfavor da Abnegação pela liderança do governo de Chicago. Por meio de relatórios, ela divulga informações falsas e mentirosas contra os líderes da Abnegação, dentre eles, os pais de Tris, Andrew e Natalie Prior. O que causa revolta na garota, “– Me acalmar? Me acalmar? Eles estão falando da minha família, da minha facção!” (ROTH, 2012, p. 258). Porém, um dos iniciandos lembra-a que estão falando da antiga facção dela e, portanto, ela deveria ignorar aquela situação.

O estágio das simulações equivale à segunda etapa do processo de iniciação da Audácia, trabalha com a mente e objetiva treinar o iniciando para enfrentar os medos através das situações hipotéticas. Nesta etapa, as simulações são semelhantes aos testes de aptidão. Pelo

fato de não ser pré-condicionada a uma única aptidão dominante como os outros, mas a três, ou melhor, por ser uma *divergente*, Tris discerne e age categoricamente quando está sob uma simulação, e utiliza esse trunfo para despontar na liderança desta fase. Entretanto, no decorrer de uma simulação, por mais que Tris tente agir com naturalidade, o instrutor Quatro constata as dúvidas dele advindas das simulações anteriores realizadas por Tris, e afirma: “[...] Você manipulou a simulação; você é Divergente. Vou apagar a gravação, mas a não ser que você queira acabar morta no fundo do abismo, é melhor arrumar um jeito de esconder isso durante as simulações.” (ROTH, 2012, p. 269).

Ao sair da sala de simulação, Tris sem entender nada, questiona-se sobre como Quatro soube, uma vez que ela não sabia que manipular uma simulação era uma atitude *divergente*. Daí, em diante, ela procurará com afincos a resposta para os questionamentos que a perseguem desde o teste de aptidão e que interferem diretamente no autoconhecimento e na formação dela enquanto sujeito.

Sendo assim, o terceiro enunciado a ser analisado, constante no Capítulo Vinte da obra, corresponde ao diálogo de esclarecimento entre Tori e Beatrice, a respeito do significado de ser uma *divergente*.

– Por favor, ajude-me a entender – digo rapidamente. – *O que significa ser...*  
 – Hesito. Não deveria pronunciar a palavra “*Divergente*” aqui. – *O que diabos eu sou? O que isso tem a ver com as simulações?*  
 O comportamento de Tori muda de repente. Ela apoia as costas na cadeira e cruza os braços. Sua expressão se fecha.  
 – Entre outras coisas, você... *você é alguém que tem consciência, quando está em uma simulação, que o que está vivendo não é real – diz ela. – Alguém que pode, portanto, manipular a simulação ou até mesmo encerrá-la.* E também...  
 – Ela se inclina para frente e me encara. – *Alguém que, por também ser da Audácia... provavelmente irá morrer.*  
 [...]
   
 – Então, eu vou morrer?  
 – Não necessariamente – diz ela. – *Os líderes da Audácia ainda não sabem a respeito de você. Eu apaguei os resultados do teste de aptidão do sistema imediatamente e cadastrei o seu resultado manualmente como Abnegação. Mas pode ter certeza: se eles descobrirem o que você é, eles vão te matar* (ROTH, 2012, p. 270-271, grifos meus).

Devido ao incidente com Quatro na sala de simulação, Tris vai diretamente para o estúdio de tatuagens para que Tori a ajude compreender o que realmente significa ser uma *divergente* e até que ponto isso se relaciona com as simulações. Então, Tori, discretamente e com uma expressão séria, explica-lhe que ela é uma pessoa que tem consciência que uma simulação não é real, e que tem autonomia para manipulá-la e até encerrá-la. Além disso, Tori

finaliza que se os líderes da Audácia científicarem que ela é uma *divergente*, uma ameaça para a facção, certamente eles a matarão.

Pelo terceiro enunciado, visualiza-se que ser *divergente*, não é só ter mais de um atributo dominante daquela sociedade e poder utilizar os atributos conjuntamente em uma dada situação real ou não, mas, é ter consciência e autonomia própria, ou seja, a *divergente* Tris não pode ser manipulada e encaixada em um lugar fixo. Por isso, caso ela seja descoberta, deverá ser eliminada, uma vez que ela ameaça o sistema de facções.

Volóchinov (2017) explica que:

[...] o ideológico em si não pode ser explicado a partir de raízes animais, sejam elas pré ou supra-humanas. Seu verdadeiro lugar na existência está em um *material signico* específico, que é social, isto é, criado pelo homem. A sua especificidade está justamente no fato de que ele existe entre indivíduos organizados, de que representa o seu meio e serve como *médium* para a comunicação entre eles. Um signo só pode surgir em um *território interindividual*, que não remeta à “natureza” no sentido literal dessa palavra. O signo tampouco surge entre dois *Homo sapiens*. É necessário que esses dois indivíduos sejam *socialmente organizados*, ou seja, componham uma coletividade – apenas nesse caso um meio signico pode formar-se entre eles. A consciência individual não só é incapaz de explicar algo nesse caso, mas, ao contrário, ela mesma precisa de uma explicação que parta do meio social e ideológico (VOLÓCHINOV, 2017, p. 96-97, grifos do autor).

Assim, observa-se que Tris busca a significação do signo ideológico *divergente*, tentando como que olhar para si pelos olhos de Tori, que é uma das integrantes do meio social e ideológico no qual ela pertence. Sendo que, neste momento, é por meio da interação discursiva entre Tris e Tori, na relação complexa e dinâmica do outro-para-mim, que Tris se orienta na constituição da imagem de si mesma.

Diante disso, apreende-se que a “significação é uma expressão da relação entre o signo, como uma realidade única, como uma outra realidade, que ele substitui, representa. [...] é impossível imaginar uma significação [...] que exista fora do signo, como um objeto isolado e autônomo” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 119).

Dessa forma, pelo diálogo travado com Tori sobre o ser *divergente* que Tris assinala sua existência singular em uma esfera de comunicação que aciona o agir ético do sujeito em uma situação social específica: a tomada de consciência de ser quem é e dos riscos que corria por ter consciência. É por meio do signo ideológico *divergente* que o confronto de valores ocorre e se evidencia na (trans)formação de Tris como sujeito dialógico em busca de si.

#### 2.1.4 Convictamente *divergente*

A paisagem do medo, também conhecida como o exame final, é a terceira e última etapa do processo de iniciação da Audácia, lida com o emocional, pois numa única simulação estão reunidos todos os medos do iniciando. Aqui, os iniciandos, divergentes ou não, deverão utilizar as estratégias que aprenderam nas fases anteriores para vencer cada medo. Durante a preparação para o exame final, Tris relaciona-se afetivamente com Quatro. Assim, ela descobre que o apelido do instrutor corresponde aos quatro medos que ele possui na paisagem do medo, e que o nome dele é Tobias Eaton, filho do líder político da Abnegação, Marcus Eaton, acusado pela Erudição de praticar violência doméstica contra a prole.

Na simulação, Tris supera com êxito os sete medos que possui. Posteriormente, no salão da Audácia, onde estão reunidos todos os membros e iniciandos da facção, o resultado classificatório e eliminatório do processo de iniciação é divulgado no monitor, sendo que ao lado do número um está a foto e o nome de Tris. Agora, Tris é membro da Audácia, não corre o risco de ser uma sem-facção, viver à margem da sociedade. E, com satisfação ela ressalta: “Um enorme peso some do meu peito. Não havia percebido que ele estava lá, até que ele se foi, e eu me livrei dele. Sorrio, e um formigamento se espalha pelo meu corpo. Primeira. Divergente ou não, é a esta facção que eu pertenço” (ROTH, 2012, p. 425).

Contudo, o imprevisível acontece, para dar o golpe no governo altruísta e assumir o poder, a Erudição, liderada por Jeanine Matthews, decide desencadear uma guerra civil entre os membros da Audácia e os da Abnegação. Para conquistar tal intento, com o apoio dos líderes corrompidos da Audácia e com a utilização de um soro com transmissores manipuladores, todos os membros desta facção tornaram-se sonâmbulos e foram colocados sob uma simulação na qual os abnegados são vistos como inimigos, portanto, deverão ser exterminados. Entretanto, o referido soro não reage em Tris e nem em Quatro. Por esse motivo, ambos são reconhecidos por Eric, membro da Audácia que tinha sido tirado da simulação, como “Rebeldes Divergentes” (ROTH, 2012, p. 438).

No percurso da fuga, Tris é baleada e Quatro se recusa a deixá-la para trás. Então, eles são capturados e levados à presença de Jeanine. Como medida de segurança, ela aplica em Quatro um soro experimental que anula o efeito da divergência e o encaminha para a sede da Audácia, com o encargo de supervisionar o conflito; e, ordena que Tris seja presa dentro de um tanque de vidro com água, para que morra afogada. Mas, para sorte de Tris, a mãe dela, Natalie, a salva daquela situação.

Assim, o quarto e último enunciado a ser analisado, constante no Capítulo Trinta e Cinco da obra literária corresponde ao diálogo entre Natalie e Tris, sobre porquê a divergência representa um perigo para o sistema de facções.

– Não entendo *por que somos uma ameaça tão grande aos líderes*.  
 – Todas as facções condicionam os seus membros a pensar e agir de determinada maneira. E a maioria das pessoas fazem exatamente isso. Para a maior parte das pessoas, não é difícil aprender, encontrar uma linha de pensamento que funcione e seguir por ela. – Ela apoia a mão no meu ombro que não está machucado e sorri. – *Mas nossas mentes movem-se em dezenas de direções diferentes. Não podemos ficar confinados a uma única maneira de pensar e isso apavora os nossos líderes. Isso significa que não podemos ser controlados*. E significa que, não importa o que eles façam, nós sempre causaremos problemas para eles.  
 Sinto como se alguém tivesse enchido o meu pulmão com novos ares. Não sou da Abnegação. Não sou da Audácia.  
*Eu sou Divergente* (ROTH, 2012, p. 454-455, grifos meus).

Após o salvamento, Tris pede desculpas para a mãe por ter abandonado e traído a família quando escolheu outra facção. Porém, Natalie esclarece que não se importa com as facções, mostra para a filha o caos que elas causaram e afirma que: “[...] Os seres humanos, de uma maneira geral, não conseguem ser bons por muito tempo antes que o mal penetre novamente entre nós e nos envenene” (ROTH, 2012, p. 454).

Em seguida, Tris lhe questiona como ela sabe da divergência e o que ela é. Diante dessas perguntas, Natalie revela para a filha que é uma divergente e que só conseguiu manter-se em segurança, uma vez que recebeu orientação da mãe para escolher uma facção mais segura, no caso a Abnegação. E, Natalie explica para Tris que não interveio na escolha dela, pois queria que ela escolhesse por conta própria.

Pelo último enunciado, observa-se que Natalie apresenta, claramente, para a filha que todas as facções, sem nenhuma exceção, condicionam os membros a pensarem e agirem de acordo com os interesses dos líderes. Assim, aqueles que pensam e agem por si próprios, que não podem ser controlados e nem fixados numa única posição, particularmente, os divergentes, são vistos por eles como rebeldes, problemas. Por isso, os divergentes são tão ameaçadores ao sistema de facções.

Nesse diapasão, Volóchinov (2017, p. 113) explica que “[...] a classe dominante tende a atribuir ao signo ideológico um caráter eterno e superior à luta de classes, apagar ou ocultar o embate das avaliações sociais no seu interior, tornando-o monoacentual”. Entretanto, somente o cruzamento de interesses sociais multidirecionados garante a vida, o movimento e o

desenvolvimento do signo, pois caso ele seja retirado da luta de classes, certamente enfraquecerá e até extinguirá. Além disso, a

[...] *dialética interna do signo* revela-se na sua totalidade apenas em épocas de crises sociais e de mudanças revolucionárias. Em condições normais da vida social, essa contradição contida em todo signo ideológico é incapaz de revelar-se em absoluto, pois na ideologia dominante o signo ideológico é sempre um pouco reacionário, em um espécie de tentativa de estabilizar o momento anterior do fluxo dialético da formação social, ou seja, de enfatizar a verdade de ontem como se fosse a verdade de hoje. Isso determina a particularidade do signo ideológico de refratar e distorcer a realidade dentro dos limites da ideologia dominante (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113-114, grifos do autor).

Sob essa perspectiva, por meio do diálogo, Natalie ensina com maestria para Tris que a dialética interna do signo ideológico *divergente* apenas revela-se totalmente diante das crises e das ânsias por mudanças revolucionárias no sistema de facções, pois em condições normais da vida social, a ideologia dominante de uma dada facção tenta impor a verdade de ontem como se fosse a verdade de hoje, apagando e anulando as características personalíssimas inerentes a cada indivíduo dentro da coletividade social. O que é inadmissível, uma vez que, antes da coletividade, há o agir singular de cada um, e, da mesma forma, o sujeito também não pode apagar o agir coletivo, pois é na relação com o outro que ele se constitui.

Portanto, com o pulmão cheio de novos ares, convicta de quem ela verdadeiramente é, *divergente*, ou seja, a própria materialização do signo ideológico que refrata e distorce a realidade dentro dos limites da ideologia dominante proposta pelo sistema de facções, bem como sabendo que a divergência pode ajudá-la a salvar aqueles que ama, Tris parte para o complexo da Audácia a fim de evitar a aniquilação dos membros inocentes da Abnegação pelas mãos dos membros inconscientes da Audácia, que se digladiam por causa do ganancioso e egoísta interesse da Erudição pelo poder.

## **2.2 O signo ideológico *insurgente* em *Insurgente – uma escolha pode te destruir***

A segunda parte deste capítulo concentra-se na análise da palavra *insurgente* como signo ideológico em *Insurgente – uma escolha pode te destruir* (2013), por meio da descrição-análise-interpretação de um único enunciado extraído deste romance, tendo em vista que a palavra supramencionada aparece explicitamente na narrativa apenas e tão somente no Capítulo Quarenta e Um, conforme exposto a seguir.

### 2.2.1 Eu? *Insurgente?*

Após o conflito sangrento da Erudição contra a Abnegação, Tris está emocionalmente descontrolada pela morte dos pais, Andrew e Natalie Prior, e por ter matado o amigo Will em legítima defesa. Devido à fragmentação da Abnegação, da Audácia e à dispersão dos membros das respectivas facções, Tris, Quatro, Marcus (líder sobrevivente da Abnegação e pai de Quatro), Peter (desafeto de Tris e Quatro) e Caleb Prior (irmão de Tris) refugiam-se na Amizade. Ao ouvir o diálogo entre Marcus e Johanna Reyes (representante da Amizade), Tris descobre que os líderes da Abnegação morreram para proteger um segredo. Porém, Marcus recusa-se a revelá-lo.

Os soldados da Erudição invadem a Amizade à procura dos refugiados. Durante o tiroteio, todos fogem, sendo que Tris, Quatro, Caleb e Susan escapam de trem. No vagão, eles encontram os sem-facção armados, sob o comando de Edward, que os escolta até a sede deles. Lá, Tris se surpreende com as novas descobertas: os sem-facção são numerosos e estão organizados socialmente como uma verdadeira facção; e, Evelyn, mãe de Quatro, está viva e é a líder dos sem-facção. Evelyn propõe ao filho convencer os membros da Audácia a unir-se aos sem-facção para derrubar a liderança da Erudição.

Caleb e Susan vão para um lugar seguro onde os membros da Abnegação estão vivendo. Tris e Quatro seguem para a sede da Franqueza, onde são presos e submetidos a um julgamento sob o soro da verdade. No transcurso do julgamento, Quatro revela que foi para a Audácia para fugir da violência paterna e que se tornaria um sem-facção, porém, desistiu ao conhecer Tris e se apaixonarem. E, Tris confessa que matou Will no ataque à Abnegação para defender-se, causando o espanto e a indignação de Quatro e Christina, melhor amiga de Tris e namorada de Will.

Os traidores da Audácia, liderados por Eric, atacam a Franqueza utilizando um novo soro de simulação, com a finalidade de capturar divergentes e levá-los para a Erudição. No entanto, eles são derrotados e Eric é preso. Os membros da Audácia elegem Tori, Harrison e Quatro como os novos líderes da facção. Eric é julgado e condenado à morte. Os atuais líderes da Audácia aceitam o acordo com os sem-facção para tomarem o governo. Entretanto, Tris não confia nesta aliança, principalmente, em Evelyn. Christina perdoa Tris pela morte de Will.

Tris vai secretamente para a sede da Erudição com a intenção de sacrificar-se para que a guerra entre as facções termine. Ao entregar-se, ela concorda em fazer os testes e as simulações sobre a divergência exigidos por Jeanine, considerados perigosíssimos à vida humana, desde que tenha ciência dos resultados. Nisso, ela descobre que o irmão, Caleb, é um

traidor, pois presta serviços para Jeanine. Quatro invade a Erudição e com o auxílio de Peter, salvam Tris da morte.

Posteriormente, Tris encontra Marcus. Ele a convence de que realmente os pais dela morreram para salvar as informações roubadas pela Erudição. E, ainda, insiste que estas informações devem se tornar públicas antes que o grupo formado pela Audácia e pelos sem-facção destruam todos os dados técnicos-científicos durante o ataque à Erudição. Imediatamente, Tris, Christina e Marcus vão para a Amizade para colocar Johanna a par dos fatos e pedir ajuda. Johanna e os refugiados da Erudição que vivem na Amizade – Fernando e Cara, irmã de Will – decidem cooperar na missão de resgate das informações que foram roubadas da Abnegação e transmiti-las à todas as facções, quais sejam: revelar o que há do lado de fora da cerca que rodeia Chicago e qual a finalidade específica deles estarem confinados naquele lugar, sob a liderança ditatorial da Erudição que prefere esconder a verdade e apelar para assassinatos. De volta para a cidade, Tris lidera um pequeno grupo composto por Marcus, Christina, Cara e Fernando.

Assim, o enunciado a ser analisado, constante no Capítulo Quarenta e Um da obra literária tem a ver com o diálogo entre Fernando, Tris, Cara e Christina, enquanto trocam de roupas para infiltrarem na sede da Erudição disfarçados de membros da respectiva facção. Isso ocorre em um beco, apenas duas quadras da Avenida Michigan, onde uma batalha dos sem-facção e Audácia *versus* Erudição está sendo travada.

Fernando pula para fora da carroceria e me oferece a mão.

– Vamos, *Insurgente* – diz ele, piscando.

– O quê? – pergunto. Seguro seu braço e deslizo para fora da caminhonete.

Ele abre a bolsa sobre a qual estava sentado. Está cheia de roupas azuis. Ele as vasculha, jogando peças para mim e para Christina. Fico com uma camiseta azul brilhante e uma calça jeans.

– *Insurgente*. Substantivo. *Uma pessoa que age em oposição à autoridade estabelecida, mas que não é necessariamente considerada agressiva.*

– Você precisa dar nome a tudo? – pergunta Cara, passando a mão sobre seu cabelo loiro-claro para arrumar os fios soltos. – Só estamos fazendo algo, e, por acaso, estamos em grupo. Não é por isso que precisamos de um novo título.

– Acontece que eu gosto de categorizar as coisas – responde Fernando, erguendo a sobrancelha escura.

[...]

– Eu gostei – digo. – *Insurgente*. É perfeito.

– Viu só? – diz Fernando. – Não sou o único.

Encaro minhas roupas da Erudição, enquanto os outros tiram suas roupas rapidamente.

– Não temos tempo para pudores, Careta – diz Christina, olhando para mim com reprovação.

[...]



- Ela te chamou de “Careta”? – pergunta Fernando.
- Sim – respondo. – Eu me transferi da Abnegação para a Audácia.
- Ah. – Ele franze a testa. – É uma mudança e tanto. Esse tipo de salto de personalidade entre gerações é quase geneticamente impossível hoje em dia.
- Às vezes, a personalidade de uma pessoa não tem nada a ver com sua escolha de facção – digo, pensando na minha mãe. Ela não deixou a Audácia porque não se encaixava na facção, mas porque era mais seguro ser Divergente na Abnegação. E há também o caso de Tobias que se transferiu para a Audácia para fugir do pai. – Há muitos fatores envolvidos (ROTH, 2013, p. 445-446, grifos meus).

Nesse momento, percebe-se que a palavra *insurgente* torna-se uma palavra viva na comunicação social estabelecida entre as personagens, no enunciado real, que pode ser compreendido e avaliado não só pelo falante – Fernando que apresenta o conceito de *insurgente* e o motivo/valor de utilizá-lo naquela situação ao intitular o grupo e os integrantes, mas, também pelo auditório social presente: Tris, Cara e Christina. Desse modo,

[...] A palavra é um som significante, emitido ou pensado por uma pessoa real em um determinado momento da história real, e que é, portanto, um enunciado inteiro ou parte dele, seu elemento. Fora desse enunciado vivo, a palavra só existe nos dicionários, mas lá ela é uma palavra morta, mero conjunto de linhas retas ou semicirculares, marcas de tinta tipográfica nas folhas de um papel em branco. [...] (VOLÓCHINOV, 2019, p. 314).

A palavra *insurgente* reflete “o mar sempre agitado da *luta de classes*, que não conhece a tranquilidade nem a paz” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 315, grifos do autor), ou seja, reflete a realidade social, a história vivida pelas personagens, particularmente, Tris, uma vez que o pequeno grupo liderado por ela insurge em oposição à atual autoridade estabelecida por Jeanine (líder da Erudição) para reaver as informações roubadas da Abnegação e anunciá-las para as facções, assim como insurge em oposição ao grupo formado pelos sem-facção liderados por Evelyn e pela Audácia liderada por Quatro, Tori e Harrison, que almejam destituir Jeanine do poder, aniquilar com a Erudição e estabelecer um novo governo. Frisa-se que Tris faz parte deste último grupo, conhece os propósitos dele, todavia, por não concordar e nem confiar, age em oculto, amparada pelo pequeno grupo disfarçado, omitindo as intenções dela para Quatro, que apesar dos pesares, a protege com unhas e dentes. Assim, Volóchinov (2019) esclarece que:

[...] Quando pronunciamos ou ouvimos uma palavra, nunca a percebemos como algo separado e abstraído da realidade, como um fenômeno puramente sonoro, autossuficiente e valioso por si só (o que ocorre, por exemplo, na “poesia transmental”). Percebemos justamente aquela *realidade* (natural, histórica ou artística) que é *refletida pela palavra como seu signo*. Por isso, na comunicação linguística viva, na interação discursiva viva, não avaliamos

a palavra como um som articulado, relacionado a algumas significações, a palavra como objeto de estudo gramatical, mas sim o *sentido*, o conteúdo, o tema contidos na palavra, ouvida ou lida (VOLÓCHINOV, 2019, p. 316, grifos do autor).

A palavra *insurgente* como signo – ouvida e, posteriormente, enunciada por Tris (“– Eu gostei – digo. – Insurgente. É perfeito.”) – reflete diferentes olhares, expressa diferentes pontos de vista, mostra outras relações com a mesma realidade, com o mesmo fragmento da existência, que é o tema dessa palavra. Isso é perceptível no enunciado em comento, quando Tris responde para Fernando que a personalidade de uma pessoa não tem nada a ver com a escolha de facção e concomitantemente pensa em alguns fatos considerados de oposição e/ou reação contra o sistema de facção que remetem ao sentido, ao conteúdo e ao tema contidos na palavra *insurgente*, como: ela, Tris, insurgiu (no sentido de “emergir”, “sair”) da Abnegação para Audácia em busca da própria identidade; a mãe, Natalie Prior, insurgiu (no sentido de “emergir”, “sair”) da Audácia para Abnegação a procura de segurança, por ser uma divergente; e, Quatro insurgiu (no sentido de “opor-se”, “reagir”, “sair”) da Abnegação para Audácia para fugir do pai.

Em relação à palavra como signo ideológico, Volóchinov (2019) assevera que

[...] toda a realidade e toda a existência do homem e da natureza não apenas refletem-se no signo, mas também *refratam-se* nele. Essa refração da existência no signo ideológico é determinada pelo cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma única coletividade *sígnica*, isto é, pela *luta de classes*. [...] em cada palavra, em cada signo ideológico refratam-se relações de classe multidirecionadas. Esse aspecto é extremamente importante. Na verdade, apenas graças a essa refração de opiniões, avaliações e pontos de vista que o signo tem a capacidade de viver, de movimentar-se e desenvolver-se. Ao ser retirado do embate social acirrado, o signo ficará fora da luta de classes, inevitavelmente enfraquecendo, degenerando em alegoria e transformando-se em um objeto de análise filológica, e não da interpretação social viva. [...] (VOLÓCHINOV, 2019, p. 319, grifos do autor).

No enunciado em comento, a palavra *insurgente* entra no horizonte social de Tris e do grupo que a acompanha e desperta neles uma reação *sígnica* e ideológica, pois tal palavra relaciona-se com o fundamento da existência material do grupo, a saber: agir em oposição à(s) autoridade(s) constituída(s) para recuperar as informações roubadas da Abnegação e divulgá-las para todas as facções. E, como todo signo ideológico, a palavra *insurgente* reflete a realidade deles, qual seja: a oposição à(s) autoridade(s) vigente(s); mas, também inevitavelmente refrata outra realidade na interação discursiva, qual seja: o resgate e a propagação das informações

roubadas. Assim, entende-se que a “*dialeticidade interna* do signo revela-se por completo apenas em épocas de crises sociais e deslocamentos revolucionários” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 320, grifos do autor).

A partir do enunciado analisado e pelo todo arquitetônico de *Insurgente – uma escolha pode te destruir* (2013), é relevante atentar-se para o desfecho da trama, narrado com maestria por Tris, constante no Capítulo Quarenta e Sete (ROTH, 2013, p. 499-509) do romance, pois ainda que a palavra *insurgente* não esteja explícita, percebe-se o sentido, o conteúdo e o tema contidos nela, bem como o reflexo e a refração de *insurgente* enquanto signo ideológico, em dois momentos históricos, a saber: (i) após a morte de Jeanine e a conquista da Erudição pelo grupo composto pelos sem-facção e pela Audácia, os sem-facção, sob a liderança de Evelyn, insurgem-se contra a Audácia liderada por Tori, Harrison e Quatro, rompendo a aliança e estabelecendo uma nova ordem; e, (ii) pelo vídeo, gravado por Amanda Ritter (autodenominada Edith Prior), divulgado para todos após o ataque à Erudição, insurge a revelação, procurada pelo pequeno grupo liderado por Tris, que Chicago é um experimento genético de uma organização que luta por justiça e paz, sendo que os divergentes, cujas mentes parecem ser mais flexíveis do que das outras pessoas, deverão sair do isolamento com o propósito de ajudar as pessoas que se encontram além da cerca.

No primeiro momento, a palavra *insurgente*, ainda que implícita, tem o sentido, o conteúdo e o tema de “opor-se contra” e “levantar-se sobre”, uma vez que os sem-facção *se opõem contra* a aliança feita com a Audácia de liderarem o governo dentro do sistema de facções; e, eles *se levantam sobre* a Audácia e demais facções para extinguir o sistema de facções (que segrega as pessoas) e estabelecer uma nova ordem social (trabalho igualitário) por meio de grupo de controle (uso de armas, toque de recolher e pena capital para os traidores). E, como signo ideológico, a palavra *insurgente* reflete a realidade de oposição à aliança feita com a Audácia e refrata a realidade de levantamento de uma nova ordem social.

No segundo momento, a palavra *insurgente*, ainda que implícita, tem o sentido, o conteúdo e o tema de “surgir, vindo do fundo”, “emergir” e “sair”, tendo em vista que *surge vindo do fundo* o desvelamento do segredo guardado pela Abnegação e roubado pela Erudição, “a informação que vai mudar tudo” (ROTH, 2013, p. 506), ou seja, *emerge* a revelação de que Chicago é um experimento genético e que os divergentes deverão *sair* do isolamento para auxiliar as pessoas que estão além da cerca. E, como signo ideológico, a palavra *insurgente* reflete a realidade de surgimento da revelação de um segredo referente à Chicago (experimento genético organizado socialmente em facções) e aos divergentes (mentes mais flexíveis) e refrata a realidade de rompimento do isolamento social pelos divergentes.

Portanto, a palavra *insurgente*, explícita no enunciado analisado e implícita no segundo momento do desfecho da narrativa, também reflete as mudanças mais sensíveis da existência social de Tris. E, enquanto signo ideológico, a palavra *insurgente* “torna-se uma arena para a luta de classes, um palco para a disputa de opiniões e interesses de classe diversamente orientados” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 317), pois a partir do momento que Tris toma ciência de que os divergentes, dotados de uma mente mais flexível, devem romper com o isolamento social e oferecer ajuda a quem quer que esteja fora de Chicago, insurge para ela a oportunidade de libertar-se dos muros da cidade e das facções para conhecer o que há de fora e compreender a importância de ser uma divergente e agir como tal.

### 2.3 O signo ideológico *convergente* em *Convergente – uma escolha vai te definir*

A terceira e última parte deste capítulo ocupa-se na análise da palavra *convergente* como signo ideológico em *Convergente – uma escolha vai te definir* (2014), por meio da descrição-análise-interpretação de dois enunciados extraídos desta obra, conforme exibidos adiante.

#### 2.3.1 Um propósito *convergente*

Após a morte de Jeanine, a conquista da Erudição e a divulgação da mensagem reveladora de Amanda Ritter (conhecida também como Edith Prior) acerca de Chicago e dos divergentes, Evelyn Johnson, mãe de Tobias Eaton (apelidado de Quatro) e líder dos sem-facção, extingui o sistema de facções e institui na cidade uma nova ordem social amparada no trabalho igualitário, na utilização de armas, no toque de recolher e na condenação à morte para os traidores. Todavia, rapidamente surge um grupo de rebeldes, cujos integrantes se autointitulam como Leais, com a finalidade de manter os princípios originais da cidade: viver em facções e cumprir a missão Divergente.

Nesse viés, o primeiro enunciado a ser analisado, constante no Capítulo Quatro da obra literária condiz ao diálogo entre Evelyn e Tobias, na sede da Erudição, acerca de uma organização rebelde infiltrada entre eles.

Ela se levanta da mesa e caminha até a janela.

– Tenho ouvido histórias perturbadoras a respeito de uma organização rebelde infiltrada entre nós. – Ela me encara, levantando a sobrancelha. – As pessoas sempre se organizam em grupos. É um fato da nossa existência. Só não esperava que isso ocorresse tão rápido.

– Que tipo de organização?

- O tipo que quer deixar a cidade. Eles divulgaram uma espécie de manifesto hoje de manhã. Se autointitulam Leais. – Ao perceber minha confusão, ela explica: – Porque eles têm um *propósito convergente de manter as ideias originais da nossa cidade, são leais a elas...* entende?
- As ideias originais? Quer dizer, as que estavam no vídeo de Edith Prior? Que deveríamos sair quando a cidade tivesse uma grande população de Divergentes?
- Sim, isso. Mas também a ideia de viver em facções. Os Leais afirmam que devemos viver em facções, porque é o que temos feito desde o princípio. – Ela balança a cabeça. – Certas pessoas sempre temerão as mudanças. Mas não podemos ceder a elas (ROTH, 2014, p. 27-28, grifos meus).

Nesse enunciado, a palavra *convergente* é utilizada por Evelyn para adjetivar o propósito de uma organização de rebeldes (Leais) que se dirige para um ponto comum a um outro, qual seja: a mensagem do vídeo de Edith Prior a respeito do envio de pessoas divergentes para fora da cidade e de viver em facções. Nota-se que a palavra *convergente* faz parte da realidade social vivida por Evelyn, Tobias e os Leais, além de apresentar, desde o início da interação discursiva entre Evelyn e Tobias, “o mais puro fenômeno ideológico” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 312), pois a referida palavra remete à ideologia das facções e à ideologia da missão Divergente defendida pelos Leais e por Edith Prior.

Para Volóchinov (2019, p. 313) “[...] todos os signos ideológicos (verbais, visuais etc.) podem formar-se apenas em uma coletividade de pessoas socialmente organizada. O mundo dos animais não possui signos ideológicos”. Assim, compreende-se que o signo ideológico *convergente* é criado entre os indivíduos inseridos na sociedade de Chicago, sendo o resultado da história social deles marcada pela luta de classes: os Leais *versus* os sem-facção. E, como todo signo ideológico, a palavra *convergente* reflete e refrata uma nova realidade: a retirada de Evelyn e dos sem-facção do governo, para que seja restabelecido o sistema de facções e o envio de divergentes para além dos limites da cerca. Nesse sentido, o reflexo e a refração da palavra-signo *convergente* trazem perturbação para Evelyn, bem como o desafio de não ceder ao propósito almejado pelos Leais.

### 2.3.2 Agindo como um *convergente*

Os Leais marcam uma reunião no edifício abandonado, chamado Merciless Mart, antiga sede da Franqueza, à meia noite, com as pessoas que não confiam em Evelyn Johnson para decidir o destino da cidade. Na reunião, Cara e Johanna Reyes se apresentam como as líderes dos Leais e, seguindo as orientações expressas por Edith Prior, mostram os dois objetivos traçados pelo grupo: tirar Evelyn e os sem-facção do poder, para restabelecer as facções e enviar

algumas pessoas, divergentes ou não, para fora de Chicago para ver o que há por lá. Para a expedição foram recrutadas e enviadas algumas pessoas com experiência de sobrevivência em situações de risco, dentre elas: Tris, Tobias, Caleb, Peter, Christina, Uriah, Cara e Tori. Porém, Tori morre nas proximidades da fronteira da cidade no confronto armado com os sem-facção.

Ao romperem a fronteira, eles encontram Zoe e Amah, que os levam para a sede do Departamento de Auxílio Genético, localizada no antigo Aeroporto O'Hare, um dos mais movimentados dos Estados Unidos. Lá, eles são apresentados para David, o líder do departamento. Ele lhes conta que há alguns séculos, o governo americano interessou-se em estudar os comportamentos dos cidadãos e descobriu que todas os comportamentos humanos que contribuem para a degradação social poderiam ser explicados parcialmente pelos genes de uma pessoa. Logo, resolveram editar a humanidade por meio de um experimento de manipulação genética. Porém, as alterações genéticas pioraram as coisas, o que desencadeou a Guerra da Pureza, uma guerra civil travada por quem tinha genes danificados contra o governo e todos os que tinham genes puros, causando a destruição sem precedentes no território americano e dizimando quase a metade da população. Finda a guerra, o povo exigiu uma solução permanente para o problema genético. Assim, originou-se o Departamento de Auxílio Genético para restaurar a humanidade ao estado de pureza genética. Para alcançar a cura genética, os indivíduos geneticamente danificados foram inseridos em experimentos, ou seja, cidades isoladas, seguras, equipadas com versões básicas de soros para ajudá-los a controlar a sociedade. A organização social em facções, combinada com a modificação genética, foi determinada como a solução mais completa para os comportamentos decorrentes da danificação genética. Com a passagem do tempo e das gerações, o departamento esperava pela produção de seres humanos geneticamente curados, denominados de Divergentes.

Após os esclarecimentos, David explica que não precisa da ajuda deles ou de um exército Divergente. Mas, tão somente que os genes curados permaneçam intactos e que sejam repassados para as gerações futuras. Isso causa um alvoroço no grupo, pois apenas Tris e Tobias são considerados “genes puros” e os demais vistos como “genes danificados”.

Assim, o segundo enunciado a ser analisado, constante no Capítulo Quinze do romance diz respeito ao diálogo entre Tris e Cara, no alojamento do Departamento de Auxílio Genético, sobre o descobrimento da verdade.

Sento-me diante dela.  
 – Você não parece nada bem.  
 Seu cabelo, em geral preso com perfeição em um coque, está desarrumado.  
 Ela me encara, irritada.

– Obrigada por me avisar.  
 – Desculpe – digo. – Não tive a intenção de ser grosseira.  
 – Eu sei. – Ela suspira. – Sou... sou da Erudição, sabe?  
 Abro um pequeno sorriso.  
 – Sim, eu sei.  
 – Não. – Ela balança a cabeça. – E a única coisa que sou. Da Erudição. E agora eles me dizem que isso é resultado de algum tipo de defeito nos meus genes... e que as próprias facções são apenas uma prisão mental para nos manter sob controle. Exatamente como disseram Evelyn Johnson e os sem-facção. Ela faz uma pausa. – Então, para que formar os Leais? Para que vir até aqui?  
*Eu não havia percebido o quanto Cara já se apegara à ideia de ser uma Leal, que converge para o sistema de facções e defende os nossos fundadores. Para mim, aquela era apenas uma identidade temporária, poderosa, porque podia me tirar da cidade. Para ela, a identificação deve ter sido bem mais profunda.*  
 – Mesmo assim, é bom termos vindo até aqui – digo. – Descobrimos a verdade. Isso não vale alguma coisa para você?  
 – É claro que sim – diz Cara suavemente. – Mas isso significa que preciso de outras palavras para descrever o que sou.  
 Logo depois que a minha mãe morreu, agarrei-me à minha Divergência como se ela fosse uma mão estendida para mim. Eu precisava daquela palavra para definir quem eu era quando tudo ao meu redor estava desmoronando. Mas agora não sei mais se preciso dela e se em algum momento de fato precisamos destas palavras, “Audácia”, “Erudição”, “Divergente”, “Leal” ou se podemos simplesmente ser amigos, amantes, irmãos, definidos apenas pelas escolhas que fazemos e o amor e a lealdade que nos unem (ROTH, 2014, p. 138-139, grifos meus).

Como foi tratado no tópico *A dialogicidade do enunciado* do primeiro capítulo desta dissertação, o enunciado, unidade real da comunicação discursiva e garantidor do funcionamento da linguagem, tem um caráter social, responsivo e dialógico. Ele carrega os ecos e as ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade no campo da comunicação discursiva real ou ficcional. E, também, possui uma posição definida em um dado assunto, sendo impossível alguém determinar sua posição sem correlacioná-la com outras posições.

Nesse diapasão, o segundo enunciado existe e se constitui socialmente em resposta aos enunciados que o precederam, no caso em tela, especialmente, o primeiro enunciado. Do mesmo jeito que dialoga com este e dialogará com aqueles que o sucederão. Por sua vez, o segundo enunciado carrega os ecos e as ressonâncias do primeiro enunciado, a partir das vozes sociais que dialogam em um dado espaço-tempo-sentido da narrativa, uma vez que o signo ideológico *convergente* está refletido e refratado na palavra “converge” expressa por Tris na interação discursiva com Cara.

No segundo enunciado, Tris observa a identificação profunda de Cara à ideia de ser uma Leal, cujo propósito converge, única e exclusivamente, ao sistema de facções e na defesa dos fundadores, não tendo capacidade e maturidade suficiente como um membro perspicaz da

Erudição, independentemente de possuir genes puros ou danificados, para atentar-se para o fato de que tomaram conhecimento que Chicago é um experimento de cura genética e as facções aprisionam mentalmente os respectivos membros para controlá-los. Assim, constata-se que o segundo enunciado possui uma posição definida quanto ao assunto: lealdade ao propósito convergente. E, a posição de Cara, de acordo com a observação de Tris, correlaciona-se com o primeiro enunciado quanto ao tema, quando Evelyn afirma que: “– Porque eles têm um *propósito convergente de manter as ideias originais da nossa cidade, são leais a elas... entende?*” (ROTH, 2014, p. 28, grifos meus). Nisso, o aspecto comum do primeiro e do segundo enunciado – lealdade ao propósito convergente – gera relações dialógicas entre eles, ainda que “distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas, se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos (ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista, etc.)” (BAKHTIN, 2016, p. 102).

Para Volóchinov (2019, p. 319) ao retirar o signo ideológico da luta de classes, do acirrado conflito social, conseqüentemente, ele enfraquecerá, degenerará em sentido, deixará de ser um objeto de interpretação social viva e será apenas um objeto de análise filológica. Desse modo, no segundo enunciado, percebe-se o início do enfraquecimento e da degeneração do signo ideológico *convergente*, a partir do momento que Cara, uma das líderes dos Leais, não vê mais sentido e significado na formação dos Leais, na ida ao Departamento de Auxílio Genético, e, principalmente, na luta pelo propósito convergente tão defendido e propagado por ela e Johanna. Além disso, Cara deixa notório a urgente necessidade de outras palavras que a descreva (“preciso de outras palavras para descrever o que sou”).

Isto posto, depreende-se que a palavra *convergente*, produto da interação viva das forças sociais, assim como as palavras *divergente* e *insurgente*, reflete as tênues (trans)formações da existência social de Tris, pelo fato de que a adesão ao propósito convergente dos Leais e a participação no grupo foram para ela “uma identidade temporária, poderosa” para tirar-lhe da cidade. Além do mais, ela entende que não precisa de palavras para defini-la, tendo em vista que “podemos simplesmente ser amigos, amantes, irmãos, definidos apenas pelas escolhas que fazemos e o amor e a lealdade que nos unem”.

Ao estudar a estilística romanesca, o relacionamento entre a literatura, a cultura e o *grande tempo*, os gêneros do discurso, o enunciado, as noções de palavra e de signo ideológico, fala-se, inevitavelmente, do sujeito, cuja existência se dá socialmente por meio da linguagem, que é dialógica, e cujas interações são o fundamento da instauração dos sentidos. Assim, o



próximo capítulo debruça-se na concepção de sujeito do Círculo russo, tendo como foco a constituição identitária de Beatrice Prior (Tris), na saga *Divergente*.

CAPÍTULO 3  
A ALTERIDADE COMO CONSTITUINTE DO SUJEITO DIÁLOGICO NA TRILOGIA  
*DIVERGENTE*

Ser significa *conviver*. [...] Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si *olha o outro nos olhos* ou *com os olhos do outro* (BAKHTIN, 2011, p. 341, grifos do autor).

O presente capítulo apresenta o percurso de construção da identidade da personagem protagonista Beatrice Prior (Tris), a partir de enunciados extraídos da narrativa literária da série *Divergente*, atentando-se para a noção de sujeito proposta por Bakhtin e pelo Círculo.

### 3.1 O nascimento de um sujeito

A partir de uma perspectiva histórico-sociológica combinada à filosofia da linguagem, *O freudismo: um esboço crítico* (2017b) analisa uma das correntes ideológicas centrais da teoria da psicanálise desenvolvida por Sigmund Freud, no final do século XIX, a saber: o biologismo. Para essa corrente a consciência do homem é determinada pelo ser biológico, cujo aspecto fundamental é a sexualidade, com os componentes conceituais de sexo e de idade. Ao criticar o excesso de biologismo na psicanálise freudiana e negar a existência de um indivíduo biológico abstrato, Bakhtin (2017b) enfatiza a socialização do sujeito e argumenta que:

Não existe o homem fora da sociedade, conseqüentemente, fora das condições socioeconômicas objetivas. Trata-se de uma abstração simplória. *O indivíduo humano só se torna historicamente real e culturalmente produtivo como parte do todo social, na classe e através da classe*. Para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra na história. É necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento *social*. O homem não nasce como um organismo biológico abstrato, mas como fazendeiro ou camponês, burguês ou proletário: isto é o principal. Ele nasce como russo ou francês e, por último, nasce em 1800 ou 1900. Só essa *localização social e histórica do homem* o toma real e lhe determina o conteúdo da criação da vida e da cultura. Todas as tentativas de evitar esse segundo nascimento – o social – e deduzir tudo das premissas biológicas de existência do organismo são irremediáveis e estão condenadas ao fracasso: nenhum ato do homem integral, nenhuma formação ideológica concreta (o pensamento, a imagem artística, até o conteúdo de um sonho) pode ser explicada e entendida sem que se incorporem as condições socioeconômicas. Além do mais, nem as questões específicas da biologia encontrarão solução

definitiva sem que leve plenamente em conta o espaço social do organismo humano em estudo (BAKHTIN, 2017b, p.11, grifos do autor).

E, o teórico russo arremata que “a essência humana não é o abstrato inerente ao indivíduo único. É o conjunto das relações sociais em efetividade” (MARX *apud* BAKHTIN, 2017b, p. 11).

Nesse sentido, compreende-se que o sujeito existe no meio da sociedade, tem o comportamento (verbal ou não verbal) e a formação ideológica determinados pelos fatores socioeconômicos, possui as diversas formas de discurso como expressão do meio social, sendo que a essência dele é a soma de todas as relações sociais e não de um indivíduo isolado. Ele nasce, no mínimo, duas vezes: biologicamente, organismo abstrato (corpo) que não entra para a história; e, socialmente, o humano que entra para a história.

Na trilogia *Divergente*, o sujeito Beatrice Prior existe dentro da sociedade criada por Roth (2012), bem como torna-se historicamente real e ativo ao nascer socialmente na futurista cidade de Chicago, pós guerra, cercada de muros, cuja sociedade está organizada pelo sistema de facções (Abnegação, Amizade, Audácia, Erudição e Franqueza), como membro da família Prior (filha caçula dos líderes da Abnegação – Natalie e Andrew – e irmã de Caleb) e integrante da Abnegação. Logo, ela é um sujeito histórico, socialmente definido e apenas a localização histórica e social lhe determina o conteúdo da criação da vida e da cultura. Estes, por suas vezes, são perceptíveis em alguns enunciados da narrativa de Beatrice a respeito da filosofia de vida da Abnegação: “[...] As outras facções celebram aniversários, mas nós, não. Seria um ato de autocomplacência” (ROTH, 2012, p. 8); “[...] a Abnegação, valoriza o altruísmo” (ROTH, 2012, p. 10); “[...] As roupas cinza, o corte de cabelo simples e o comportamento modesto da nossa facção [...]” (ROTH, 2012, p. 12-13); “Na mesa da Abnegação, permanecemos sentados em silêncio enquanto esperamos. Os costumes das facções ditam até como devemos nos comportar nos momentos de inatividade e estão acima das preferências individuais [...]” (ROTH, 2012, p. 15); e, “[...] Nossas casas, nossas roupas, nossos cortes de cabelo, tudo é projetado para que nos esqueçamos de nós mesmos e para nos proteger da vaidade, da cobiça e da inveja, que são apenas formas de egoísmo [...]” (ROTH, 2012, p. 34).

### **3.2 Contemplando-se no espelho**

Beatrice e a família desfrutam de uma vida altruísta. A Abnegação autoriza os membros ficarem diante do espelho no segundo dia do mês, a cada três meses, para resguardarem-se da

vaidade. Neste dia, Natalie Prior aproveita a oportunidade para cortar os cabelos da filha, Beatrice. Durante o corte, Beatrice espia a própria imagem no espelho na busca do autoconhecimento e é surpreendida com o olhar da mãe, sem censura, que apenas lhe questiona sobre as expectativas quanto ao teste de aptidão, conforme se vê no enunciado a ser analisado, constante no Capítulo Um de *Divergente – uma escolha pode te transformar* (2012).

*HÁ UM ÚNICO espelho em minha casa. Fica atrás de um painel correção no corredor do andar de cima. Nossa facção permite que eu fique diante dele no segundo dia do mês, a cada três meses, no dia em que minha mãe corta meu cabelo.*

[...]

*Espio minha imagem no espelho quando ela não está prestando atenção, não por vaidade, mas por curiosidade. Um rosto pode mudar muito em três meses. No meu reflexo, vejo um rosto estreito, olhos grandes e redondos e um longo e delgado nariz. Ainda pareço uma criança, apesar de ter completado dezesseis anos em algum momento dos últimos meses. [...]*

– Pronto – diz ela, ao prender o nó com um grampo. *Seus olhos surpreendem os meus no espelho. É tarde demais para desviar o olhar, mas em vez de me censurar ela sorri, encarando nosso reflexo.* Franzo levemente as sobrancelhas. Por que ela não me repreendeu?

– Hoje é o dia, afinal – diz ela.

– Sim – respondo.

– Você está nervosa?

Por um momento, *encaro meus olhos no espelho. Hoje é o dia do teste de aptidão que me mostrará a qual das cinco facções pertencço. E amanhã, na Cerimônia de Escolha, escolherei uma; escolherei o caminho que vou trilhar pelo resto da minha vida; escolherei se devo ficar com minha família ou abandoná-la.*

– Não – digo. – Os testes não precisam mudar nossas escolhas.

– Certo. – Ela sorri. – Vamos tomar o café da manhã.

– Obrigada. Por cortar meu cabelo.

Ela beija meu rosto e *desliza o painel sobre o espelho* (ROTH, 2012, p. 7-8, grifos meus).

Para Bakhtin (2011, p. 25), a imagem externa é o conjunto de todos os elementos expressivos e falantes do corpo humano. A própria imagem externa “não integra o horizonte real concreto de minha visão, salvo os casos raros em que eu, como Narciso, contemplo meu reflexo na água ou no espelho. [...] todos os elementos expressivos do meu corpo, sem exceção, é vivenciada de dentro por mim” (BAKHTIN, 2011, p. 26).

Neste enunciado, a imagem externa de Beatrice, contemplada por curiosidade no espelho, integra o horizonte real concreto de visão dela, bem como é vivenciada de dentro por ela a partir da própria visão sob a forma de fragmentos dispersos – “no meu reflexo, vejo um rosto estreito, olhos grandes e redondos e um longo e delgado nariz” – que se agitam nas cordas da autossensação interna dela – “ainda pareço uma criança, apesar de ter completado dezesseis

anos em algum momento dos últimos meses”. Todavia, a própria imagem externa refletida no espelho, ainda que vista de forma imediata, não garante à Beatrice uma imagem adequada e real de si, nem pode torna-se um elemento direto de visão e vivenciamento do mundo.

Desse modo, Bakhtin (2011) esclarece que:

Contemplar a mim mesmo no espelho é um caso inteiramente específico de visão da minha imagem externa. Tudo indica que neste caso vemos a nós mesmos de forma imediata. Mas não é assim; permanecemos dentro de nós mesmos e vemos apenas o nosso reflexo, que não pode torna-se elemento imediato da nossa visão e vivenciamento do mundo: vemos o reflexo da nossa imagem externa mas não a nós mesmos em nossa imagem externa; a imagem externa não nos envolve ao todo, estamos diante e não dentro do espelho; o espelho só pode fornecer o material para a auto-objetivação, e ademais um material não genuíno. De fato, nossa situação diante do espelho sempre é meio falsa: como não dispomos de um enfoque de nós mesmos de fora, também nesse caso nos comparamos de um outro possível e indefinido, com cuja ajuda tentamos encontrar uma posição axiológica em relação a nós mesmos; também aqui tentamos vivificar e enformar a nós mesmos a partir do outro; daí a expressão original e antinatural de nosso rosto que vemos no espelho [e] que não temos na vida. Essa expressão de nosso rosto, refletido no espelho, compõe-se de algumas expressões da nossa tendência volitivo-emocional, inteiramente assentada numa diversidade de planos: 1) da expressão de nossa real diretriz volitivo-emocional, que aplicamos em um dado momento e se justifica no contexto da nossa vida; 2) da expressão da avaliação do outro possível, da expressão da alma fictícia e desprovida de espaço; 3) da expressão de nossa relação com essa avaliação do outro possível: satisfação; insatisfação, contentamento, descontentamento. Ocorre que nossa própria relação com a imagem externa não é de índole imediatamente estética mas diz respeito apenas ao seu eventual efeito sobre os outros – observadores imediatos –, isto é, nós a avaliamos não para nós mesmos mas para os outros e através dos outros. Por último, a esses três tipos de expressão ainda se pode incorporar aquela que gostaríamos de ver em nosso rosto, mais uma vez não para nós mesmos, é claro, e sim para o outro: ora, sempre chegamos quase a posar diante do espelho, fazendo a expressão que nos parece essencial e desejada. São essas expressões diversas que lutam e entram em simbiose casual em nosso rosto refletido no espelho. (BAKHTIN, 2011, p. 30-31).

Nessa situação frente ao espelho, Beatrice espia a própria imagem, não por vaidade, mas por entender que “um rosto pode mudar muito em três meses”, tentando vivificar e enformar a si mesma a partir do outro refletido no espelho. No enunciado em análise, a expressão original e antinatural do rosto de Beatrice, refletido no espelho, compõe-se dos quatro tipos de expressão da tendência volitivo-emocional supracitados por Bakhtin (2011).

O primeiro tipo de expressão da real diretriz volitivo-emocional aplicada a um dado momento: “no segundo dia do mês, a cada três meses, no dia em que minha mãe corta meu cabelo”; e, justificada no contexto da vida: “hoje é o dia do teste de aptidão que me mostrará a qual das cinco facções pertencço. E amanhã, na Cerimônia de Escolha, escolherei uma;

escolherei o caminho que vou trilhar pelo resto da minha vida; escolherei se devo ficar com minha família ou abandoná-la”. Já o segundo tipo de expressão da avaliação do outro possível, da expressão da alma fictícia e desprovida de espaço: “no meu reflexo, vejo um rosto estreito, olhos grandes e redondos e um longo e delgado nariz”. O terceiro tipo de expressão da relação com essa avaliação do outro possível: “ainda pareço uma criança, apesar de ter completado dezesseis anos em algum momento dos últimos meses”. E, por último, o quarto tipo de expressão que gostaria de ver incorporada no rosto, que parece essencial e desejada: “encaro meus olhos no espelho. Hoje é o dia do teste de aptidão que me mostrará a qual das cinco facções pertencço. E amanhã, na Cerimônia de Escolha, escolherei uma; escolherei o caminho que vou trilhar pelo resto da minha vida; escolherei se devo ficar com minha família ou abandoná-la”. Essa expressão denota o determinismo de Beatrice frente ao resultado do teste de aptidão que está por vir e à escolha do caminho que tomará em sua vida na Cerimônia de Escolha, pois ela tem se esforçado há dezesseis anos para ser altruísta, porém, não conseguiu se identificar com a Abnegação.

Vale destacar que a imagem externa de Beatrice, observada no espelho, tomada isoladamente, não pode vir a ser um elemento caracterizador de si mesma, vivenciada como um valor que lhe engloba e lhe acaba, uma vez que

[...] Na categoria do *eu*, minha imagem externa não pode ser vivenciada com um valor que me engloba e me acaba, ela só pode ser assim vivenciada na categoria do *outro*, e eu preciso me colocar a mim mesmo sob essa categoria para me ver como elemento de um mundo exterior plástico-pictural e único (BAKHTIN, 2011, p. 33, grifos do autor).

O excedente de visão estética (exotopia) torna possível olhar o outro de uma forma mais efetiva do que o próprio sujeito se percebe. Para Bakhtin (2011), a exotopia permite que o eu veja a si mesmo com o olhar de um outro: o eu deve deslocar-se de si mesmo, tornar-se outro para ver a si mesmo sob a ótica desse outro. Sob essa perspectiva, a criação de um outro fictício dissemina um olhar transgrediente ao eu. Assim, Bakhtin (2011) afirma:

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 21).

Nesse sentido, no momento em que o olhar do eu e do outro se cruzam os dois possuem uma maior perspectiva do que cada um possui de si mesmo. Isto acontece quando o eu lança

um olhar externo sobre si mesmo. Por exemplo, o ato de Beatrice olhar-se no espelho. Para Bakhtin, quando o sujeito contempla a sua imagem no espelho, ele se encontra diante de uma imagem puramente objetual, ou seja, o sujeito permanece em si e vê simplesmente um reflexo de si mesmo. As particularidades de cada sujeito como os gestos, movimentos, formas de articulação do corpo e da fala, trejeitos etc., são acionados exclusivamente para os outros com quem o sujeito possui interação social.

Na criação artística, portanto, o autor se coloca à margem de si e vivencia o mesmo plano que vivencia na vida, pois ele “deve tornar-se *outro* em relação a si mesmo, olhar para si mesmo com os olhos do outro” (BAKHTIN, 2011, p. 13, grifo do autor). Esse movimento que o autor pode fazer ilustra o caráter dialógico das narrativas literárias, uma vez que o eu define-se a partir do outro. Assim, compreende-se que é por meio do outro que se intenta neste trabalho “compreender e levar em conta os momentos transgredientes à nossa própria consciência” (BAKHTIN, 2011, p. 13).

Percebe-se que para Bakhtin (2011) a categoria do eu é inacabada, incompleta e necessita da categoria do outro para existir. O eu somente se constitui e é constituído quando se dirige ao encontro do outro em um processo de interação social, por meio da linguagem, da troca de palavras. Trata-se de um processo de alteridade onde o eu nunca é o mesmo e se mantém em constante mudança por intermédio da relação com o outro. Dessa forma, é com base na alteridade, ou seja, na relação com o outro que ocorre a construção do sujeito.

### 3.3 Conscientizando-se a respeito do ser divergente

O sujeito não se faz sozinho. Mas, ele se faz de relações sociais, de relações de poder, de tomada de consciência, que só são possíveis se se adquiridas do processo da vida, das interações e da aquisição de signos ideológicos que alimentam a consciência, dando a ela corpo encarnado de material sígnico.

[...] o signo surge apenas no processo de interação *entre* consciências individuais. E a própria consciência individual está repleta de signos. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95, grifo do autor).

Assim, a consciência nasce com o homem a partir do segundo nascimento: o social. A consciência, a interpretação e a reflexão são formadas por meio das interações com os signos materiais e ideológicos. O corpo biológico, mas também cultural, social e produto das

interações, necessita de excedente de visão, ou seja, devido à posição exterior ocupada pelo outro, este tem a oportunidade de ver no eu algo a mais que o próprio não consegue ver sozinho; de linguagem para fazer a ponte entre as consciências; de alteridade para se identificar; de outras consciências para ser; e, do confronto de perspectivas distintas para se promover como consciência.

[...] A consciência é portanto, o lugar onde a alteridade é encontrada em estado permanente. A alteridade está na consciência do nascimento à morte do ser social. A alteridade é a água interminável e sempre perene da consciência. De onde o homem, cuja sede sacia e molha o seu amplo universo de palavras. Não há palavra sem consciência, como não há neutralidade quando se nasce socialmente. A palavra sempre será banhada de cultura e alteridade na e pela consciência (OLIVEIRA, 2014, p. 96).

Nesse momento, evoca-se, novamente, o enunciado que é produto da interação discursiva entre Tori, aplicadora do teste de aptidão, e Beatrice a respeito do resultado inconclusivo do teste, constante no Capítulo Três de *Divergente – uma escolha pode te transformar* (2012).

– Por um lado, você se atirou sobre o cachorro e não permitiu que ele atacasse a menininha, o que caracteriza-se como reação da Abnegação... mas, por outro, quando o homem lhe falou que a verdade o salvaria, você continuou recusando-se a revelá-la. – Ela suspira. – Não fugir do cachorro sugere a Audácia, mas pegar a faca também, e não foi isso que você fez.

Ela limpa a garganta e continua:

– Sua resposta inteligente ao cachorro sugere um forte alinhamento com a Erudição. Eu não tenho a menor ideia de como interpretar a sua indecisão no primeiro estágio, mas...

– Espere – interrompo-a. – Então você não tem nenhuma ideia de qual é a minha aptidão?

– Sim e não. *Minha conclusão explica ela – é que você apresenta aptidão para a Abnegação, a Audácia e a Erudição. Pessoas que apresentam resultados assim são... – Ela olha para trás, como se esperasse ser surpreendida por alguém. – ...são chamadas de... Divergentes. [...]*

– Beatrice – diz ela –, você não pode compartilhar essa informação com ninguém, sob quaisquer circunstâncias. Isso é muito importante.

[...] *A Divergência é algo extremamente perigoso. Você entendeu bem?*

[...]

*Agora a escolha é minha, independente do resultado do teste.*

*Abnegação. Audácia. Erudição.*

*Divergente* (ROTH, 2012, p. 27-29, grifos meus).

Pelo enunciado, nessa situação social, a partir das escolhas feitas por Beatrice em situações hipotéticas durante o teste, Tori tem a possibilidade de ver nela mais do que a própria



Beatrice vê de si mesma, devido à posição exterior que ocupa como aplicadora do teste e ao conhecimento que detém como tal. Nessa vertente, Bakhtin (2011) defende que:

O excedente de minha visão em relação ao outro indivíduo condiciona certa esfera do meu ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas ou externas que só eu posso praticar em relação ao outro, a quem elas são inacessíveis no lugar que ele ocupa fora de mim; tais ações completam o outro justamente naqueles elementos em que ele não pode completar-se (BAKHTIN, 2011, p. 22-23).

Dessa forma, o excedente de visão de Tori apenas é possível porque existe a possibilidade de se situar fora do outro, olhar o outro de um lugar, de um tempo, com valores diferentes e, conseqüentemente, enxergar em Beatrice mais do que a própria consegue ver, a saber: tem aptidões de três facções – Abnegação, Audácia e Erudição – e que, particularmente, não cabe em nenhuma delas, sendo uma *Divergente*. Assim, quando Tori atribui a Beatrice o excedente de visão, permite-lhe conscientizar-se de que é uma divergente e que a divergência “é algo extremamente perigoso”, bem como completar-se como sujeito naquilo que a individualidade não conseguiria sozinha na busca do autoconhecimento. Além disso, a consciência de Beatrice a respeito do ser divergente é formada pela alteridade, pela linguagem que estabelece a ligação entre as consciências das personagens, pelo embate de olhares distintos (eu/outro) e pela interação com a palavra *divergente* enquanto signo ideológico, conforme tratado no item 2.1 *O signo ideológico divergente em Divergente – uma escolha pode te transformar* do segundo capítulo desta dissertação.

## PALAVRAS FINAIS

Conforme exposto nas Palavras Iniciais, a pretensão pelo desenvolvimento desta dissertação originou-se em 2016, com a leitura analítica dos romances da série *Divergente*, de Veronica Roth, e os estudos dialógicos da linguagem propostos por Bakhtin e pelo Círculo para a escrita e defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Grenissa Bonvino Stafuzza. A escrita desta dissertação justificou-se em três vertentes: a acadêmica, a filosófica e a social. Ela tem como objetivo refletir acerca da constituição identitária do sujeito dialógico Beatrice Prior, conhecida também como Tris, a partir do procedimento metodológico do cotejamento de enunciados selecionados e recortados de *Divergente – uma escolha pode te transformar* (2012), de *Insurgente – uma escolha pode te destruir* (2013) e de *Convergente – uma escolha vai te definir* (2014), consequentemente, apresentados no e pelo tripé metodológico da descrição, análise e interpretação, levando em consideração o método dialético-dialógico bakhtiniano para nortear a relação pesquisador, *corpus* e teoria.

Antes de partir para a constatação do real funcionamento do enunciado como unidade dialógica nas obras literárias da trilogia *Divergente*, o primeiro capítulo trouxe uma abordagem teórica bakhtiniana da prosa romanesca e dos gêneros do discurso para entender: (i) o estilo autêntico do romance devido à estratificação interna da língua, ao heterodiscurso social e à dissonância individual que povoa cada obra; (ii) a relação intrínseca e indissociável entre cultura e literatura, uma vez que o diálogo de culturas e de épocas, por meio da leitura e da interpretação, ocorre no *grande tempo*, garantindo a transcendência de uma obra literária no tempo e no espaço; (iii) o complexo e heterogêneo repertório de gêneros do discurso, enfatizando os três traços distintivos: os primários ou simples; os secundários ou complexos; e, o enunciado como unidade dialógica; ressaltando que as narrativas literárias da saga *Divergente* são consideradas gêneros discursivos secundários ou complexos, e, ainda, são enunciados complexos secundários; e, (iv) o enunciado como unidade real de comunicação discursiva, possui um caráter dialógico (social e responsivo), com as seguintes peculiaridades constitutivas: a alternância de sujeitos do discurso; a conclusibilidade do enunciado e a relação do enunciado com o próprio falante (autor do enunciado) e com outros participantes da comunicação discursiva. Além disso, no que tange à obra de arte literária como “enunciado estético”, depreende-se que os romances da série *Divergente* contatam e dialogam no *grande tempo*, sejam pela temática, pelo estilo distópico ou pelo público leitor alvo, com romances do século XX e XXI supramencionados.

O segundo capítulo, subdividido em três partes, propôs o estudo das palavras *divergente*, *insurgente* e *convergente* enquanto signos ideológicos para constatar como elas refletem as sensíveis (trans)formações de Beatrice (Tris). A primeira parte analisa o signo ideológico *divergente* através da descrição-análise-interpretação de quatro enunciados extraídos de *Divergente – uma escolha pode te transformar* (2012), em momentos ímpares vivenciados por Beatrice (Tris), a saber: (i) no primeiro enunciado, por intermédio do diálogo com Tori, Beatrice tem o primeiro contato com as palavras *divergentes*, *divergência* e *divergente*, assim como toma ciência de que é uma *divergente*, sendo que a consciência individual dela é embebida pelo conteúdo ideológico da referida palavra-signo que reflete e refrata uma outra realidade, qual seja: possui três aptidões dominantes e que pode utilizá-las simultaneamente numa situação hipotética. Além do mais, é advertida que a divergência representa um perigo, tendo em vista que vai de encontro aos interesses sociais do sistema de facções. A partir desse momento, o signo ideológico *divergente* torna-se uma arena da luta de classes, pois no desenrolar da trama, para Beatrice, viver é decidir e transformar-se continuamente, é lutar para se inserir em uma das facções; (ii) no segundo enunciado, nota-se a relação dialógica entre o primeiro enunciado, que retrata Beatrice tomando ciência de que é uma *divergente*, numa situação hipotética, e o segundo enunciado que mostra Tris agindo como uma *divergente*, numa situação real. O território social constitui o enunciado e o sujeito, pois Tris se constitui como *divergente* no embate da atividade mental e das atitudes praticadas. Nesse enunciado, o sujeito Tris se vê refletido e refratado no signo ideológico *divergente*; (iii) no terceiro enunciado, Tris busca em Tori, integrante do meio social e ideológico no qual pertence, o real significado do ser *divergente*, descobrindo que é ter consciência e domínio próprio, não podendo ser manipulada e enquadrada em um dado lugar fixo. Pela interação discursiva com Tori que Tris assinala a existência singular e aciona o agir ético do sujeito em uma situação social específica: conscientizar-se de quem é e dos riscos que corre por conscientizar-se. Logo, pelo signo ideológico *divergente* há o confronto de valores e a (trans)formação dela como sujeito dialógico na procura de si; e, (iv) no quarto enunciado, por meio do diálogo com Natalie Prior, Beatrice aprende que a dialética interna do signo ideológico *divergente* só revela-se plenamente diante das crises e ânsias por mudanças revolucionárias no sistema de facções. Caso contrário, a ideologia dominante de uma facção tentará apagar e anular as características individuais e personalíssimas de cada sujeito dentro da coletividade social. Este fato é inaceitável, pois a coletividade não pode apagar o agir singular do sujeito e este não pode anular o agir coletivo, tendo em vista que é pela alteridade que o sujeito se constitui. Portanto, Tris convictamente

*divergente* representa a própria materialização do signo ideológico que refrata e distorce a realidade dentro dos limites da ideologia dominante estabelecida pelo sistema de facções.

Na segunda parte, do segundo capítulo, a palavra-signo *insurgente*, explícita em um único enunciado e implícita no segundo momento do desfecho da narrativa, constantes em *Insurgente – uma escolha pode te destruir* (2013), também reflete e refrata as mudanças mais sutis da existência social de Tris, pois ao saber que os divergentes, dotados de uma mente mais flexível, devem romper com o isolamento social e oferecer ajuda a quem quer que esteja fora de Chicago, insurge para ela a oportunidade de libertar-se dos muros da cidade e das facções para conhecer o que há de fora e compreender a importância de ser uma divergente e agir como tal.

A terceira e última parte, do segundo capítulo, analisa a palavra-signo *convergente* por meio da descrição-análise-interpretação de dois enunciados de *Convergente – uma escolha vai te definir* (2014), a saber: (i) no diálogo travado entre Evelyn e Tobias, a palavra *convergente* reflete e refrata uma nova realidade social: o desejo dos Leais de retirar Evelyn e os sem-facção do poder, para que seja restabelecido o sistema de facções e o envio de divergentes para fora da cerca. O reflexo e a refração da palavra-signo *convergente* perturba Evelyn e a desafia não ceder ao propósito almejado pelos Leais; e, (ii) na interação discursiva entre Tris e Cara, também há uma relação dialógica entre o primeiro e o segundo enunciado, sendo que a palavra-signo *convergente*, produto da interação viva das forças sociais, reflete as ínfimas (trans)formações de Tris, uma vez que a adesão ao propósito convergente dos Leais e a participação no grupo foram para ela “uma identidade temporária, poderosa” (ROTH, 2014, p. 139) para tirá-la da cidade. E, ela compreende que não necessita de palavras para defini-la, tendo em vista que “podemos simplesmente ser amigos, amantes, irmãos, definidos apenas pelas escolhas que fazemos e o amor e a lealdade que nos unem” (ROTH, 2014, p. 139).

O terceiro capítulo traça a construção da identidade da personagem protagonista Beatrice Prior (Tris), a partir de enunciados extraídos da narrativa literária da série *Divergente*, observando a concepção de sujeito de Bakhtin e do Círculo. Para o pensamento bakhtiniano (2017c), o sujeito existe em uma coletividade e se constitui por meio de interações, sendo a partir da singularidade única e irrepitível de cada ato do sujeito que se tem o desenvolvimento da dialogia nas relações humanas, sempre mediada pela cultura. Assim, só é possível constituir uma identidade através das relações que o eu, no caso em tela, Beatrice (Tris), estabeleceu e estabelece durante todo o percurso de vida com as outras personagens. É com um emaranhado de fios infinitos e inter-relacionados que se tece o sujeito dialógico Beatrice (Tris) na trilogia *Divergente*. Nesse viés, o ato de definir-se em relação ao outro é exatamente tomar consciência

da importância dessa relação dialógica de completude por meio da palavra, do signo, ideológico, histórico e social, ou seja, só pode-se compreender a identidade na alteridade. Em *Divergente*, o outro, demais personagens, é responsável em despertar no eu, Beatrice (Tris) a necessidade de buscar novamente uma completude, que se vai num piscar de olhos. É a nova vida do eu, Beatrice (Tris) que faz com que ela não fique no mesmo lugar, que ela tenha a oportunidade de viver novos momentos únicos e irrepetíveis, de ser inacabada, de continuar existindo. São pelas contradições, oposições, guerras e duelos entre eu (Beatrice/Tris) e o outro (demais personagens), entre aquele que quer continuar sendo e o que altera, que a vida toma novo caminho, a palavra novos sentidos e as coisas novas cores.

Portanto, pode-se concluir que a constituição identitária do sujeito dialógico, Beatrice (Tris) não dependia dela mesma, mas sim das experiências que passava nas interações discursivas de que participava, sendo que o autoconhecer-se dependia do viver e do interagir. O autoconhecimento dela não podia acontecer sem a descoberta de novos momentos na palavra e nos meios de expressão do discurso humano. Assim como para a vida, Bakhtin (2011) também considera para a arte literária que o inacabamento é a garantia das relações dialógicas e concretas entre os sujeitos humanos. E, o teórico russo arremeta que o romance tende a projetar, no universo estético, a alteridade porque pode tratar de questões humanas e da construção de subjetividades, propiciando no gênero romanesco concepções dialógicas das relações sociais.

## REFERÊNCIAS TEÓRICAS

- AMORIM, Marília. *O pesquisador e o seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: MUSA, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. (1979). *Estética da criação verbal*. 6.ed. Prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. (1975). *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. (1950-1960). *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. (1970-1975). *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2017a.
- BAKHTIN, Mikhail. (1927). *O freudismo: um esboço crítico*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2017b.
- BAKHTIN, Mikhail. (1920-1924). *Para uma filosofia do ato responsável*. Organizado por Augusto Ponzio e Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE/UFSCar. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017c.
- BEZERRA, Paulo. Posfácio: no limiar de várias ciências. In: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 151-170.
- BEZERRA, Paulo. Freud à luz de uma filosofia da linguagem. In: BAKHTIN, Mikhail. *O freudismo: um esboço crítico*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2017a. p. 11-19.
- BEZERRA, Paulo. Bakhtin: remate final. In: BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2017b. p. 81-96.
- COLLINS, Suzanne. (2008) *Jogos Vorazes*. Tradução de Alexandre D'Elia. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010. 397 p.
- COLLINS, Suzanne. (2009) *Em chamas*. Tradução de Alexandre D'Elia. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011. 413 p.
- COLLINS, Suzanne. (2010) *A esperança*. Tradução de Alexandre D'Elia. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011. 413 p.

GERALDI, João Wanderley. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: *GEGe. Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. Caderno de estudos IV para iniciantes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 19-39.

GRILLO, Sheila. Marxismo e filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 7-79.

GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 7-56.

HUXLEY, Aldous. (1932) *Admirável mundo novo*. Tradução de Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Globo, 2009. 397 p.

KOPP, Rudinei. *Comunicação e mídia na literatura distópica de meados do século 20: Zamiatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury*. 2011. 278 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

ORWELL, George. (1945) *A revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 147 p.

OLIVEIRA, Fabrício César de. A consciência, a alteridade e a quinta ferida narcísica. In: *GEGe. Palavras e contrapalavras: constituindo o sujeito em alter-ação*. Caderno de estudos VI para iniciantes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014, p. 92-98.

ORWELL, George. (1949) *1984*. Tradução de Heloisa Jahn, Alexandre Hubner. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 414 p.

PAULA Luciane de; FIGUEIREDO, Marina Haber de; PAULA, Sandra Leila de. O marxismo no/do Círculo de Bakhtin. In: STAFUZZA, Grenissa Bonvino (Org.). *SLOVO - O Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos*. Appris: Curitiba, 2011. p. 130-152.

PEREIRA, Ânderson Martins. *Divergência, insurgência e convergência: uma análise da trilogia Divergente sob a luz das distopias modernas e contemporâneas*. 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

RODRIGUES, Paula Martins. *A narrativa distópica juvenil: um estudo sobre Jogos Vorazes e Divergente*. 2015. 92 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015.

STAFUZZA, Grenissa Bonvino. O Círculo de Bakhtin (Volóchinov e Medviédev) no Brasil: episteme, autoria e tradução em perspectiva dialógica. *Revista Heterotópica*, v. 1, n. 1, p. 66-82, 26 jun. 2019. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/48519/26335>>. Acesso em: 02 set. 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. (1929) *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário III: a palavra e sua função social (1930). In: *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 306-336.

VOLOSHINOV, N. V. (1930) *Estrutura do Enunciado*. Tradução de Ana Vaz, para fins didáticos. p. 1-20. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B44frNraxYWkeXF5UWR1ZTZqRVk/view?pref=2&pli=1>>. Acesso em: 2 mar. 2019.



REFERÊNCIAS DO *CORPUS*

ROTH, Veronica. (2011) *Divergente – uma escolha pode te transformar*. Tradução de Lucas Peterson. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2012. 502 p.

ROTH, Veronica. (2012) *Insurgente – uma escolha pode te destruir*. Tradução de Lucas Peterson. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2013. 511 p.

ROTH, Veronica. (2013) *Convergente – uma escolha vai te definir*. Tradução de Lucas Peterson. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2014. 526 p.